

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

Elaine Patrícia Farias de Mattos

**A TROVA COMO DIFUSOR DO TURISMO EM
SANTA MARIA E REGIÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Santa Maria, RS

2022

Elaine Patrícia Farias de Mattos

**A TROVA COMO DIFUSOR DO TURISMO EM
SANTA MARIA E REGIÃO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, Área Arquitetura e Patrimônio Material, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ribeiro

Santa Maria, RS,

2022

Mattos, Elaine Patrícia Farias de
A TROVA COMO DIFUSOR DO TURISMO EM SANTA MARIA E
REGIÃO / Elaine Patrícia Farias de Mattos.- 2022.
96 f.; 30 cm

Orientador: Marcelo Ribeiro
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2022

1. Patrimônio Imaterial 2. Turismo 3. Trova 4. Memória
I. Ribeiro, Marcelo II. Título.

Elaine Patrícia Farias de Mattos

**A TROVA COMO DIFUSOR DO TURISMO EM
SANTA MARIA E REGIÃO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, Área Arquitetura e Patrimônio Material, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Aprovado em 06 de janeiro de 2022:

Marcelo Ribeiro, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Flavi Lisboa, Dr. (UFSM)

Maurício Ragagnin Pimentel, Dr. (UFPEL)

Santa Maria RS
2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu Pai Carlos, um gaúcho raiz, que não nega o sangue farroupilha, e que muito me apoiou na conclusão deste projeto. Nunca soltou a minha mão e me guiou em todos os momentos. Um Pai que nunca mediu esforços para me ensinar o caminho do bem, e sempre me apoiou em todas as etapas da minha vida, acreditando nos meus sonhos e sempre me motivando a seguir em frente. E mesmo, às vezes longe, sempre esteve junto. Lembro-me na infância, das histórias antes de dormir, tu me davas três opções: história 1, história 2, e sempre a última era “A pedra”, e eu tinha uma raiva desse tema, não fazia sentido nenhum na minha cabeça, eu brava nunca a escolhia, dávamos muitas risadas. O tempo passou, saí de casa e, na descoberta do mundo, vi muitas pedras e não tinha como fugir, então percebi o que tu sabiamente tentavas me mostrar. Que bom que para cada uma delas, pude sempre contar contigo. Agradeço por ter me ensinado principalmente a sorrir delas, e ter me mostrado o mundo como ele é, sem ilusões, enfrentando a dureza da caminhada de cabeça erguida. Um dia tu me escreveste: que bom que eu te via como um “não Deus”, uma pessoa normal, com fraquezas e que, mesmo assim, te amava por completo e não como uma figura de “autoridade”... Na verdade, esse amor incondicional eu aprendi contigo, que sempre me mostrou que todos nos temos limitações, e que não existe ninguém melhor ou pior. Obrigada por me ensinar valores mais preciosos de um ser humano: a humildade, o amor e o respeito ao próximo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar viva, a minha família, meu marido Tiago Maraschin e meu filho Pedro, que compreenderam minhas ausências, entendendo que a dedicação empenhada, era parte fundamental na busca desse projeto. Minha mãe agradeço as orações, meu pai pelo apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida. Aos meus amigos, irmãs mesmo com a distância, sempre se fizeram presentes na minha vida e estarão sempre em meu coração. Vocês são inspiração, equilíbrio e porto seguro nos momentos de tribulação. A minha grande amiga Jô Brondani, que me motivou à medida que as dificuldades iam surgindo ao longo do percurso, com sua contribuição valiosa durante toda a jornada.

Ao meu orientador Marcelo Ribeiro, por ter aceitado me acompanhar neste desafio, e pela confiança, por todo conhecimento transmitido durante o curso de Mestrado, e pela convivência agradável, e contribuição para o meu enriquecimento cultural. Agradeço com profunda admiração aos professores, e colegas que em meio à pandemia, com todas as limitações que fomos submetidos, em meio a perdas, medos, inseguranças, lutaram juntos para o sucesso desse mestrado.

RESUMO

A TROVA COMO DIFUSOR DO TURISMO EM SANTA MARIA E REGIÃO

AUTORA: Elaine Patrícia Farias de Mattos

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcelo Ribeiro

Esta dissertação de mestrado tem a intenção de mostrar a importância e o poder da cultura regional, através da manifestação cultural denominada trova gaúcha¹, com sua forma rimada de contar uma história, olhando-a como um elemento de difusão e valorização do turismo local. Nela serão abordadas não só as políticas de reconhecimento e preservação do patrimônio imaterial no Sul do Brasil, como também a origem medieval desde a composição poética da Idade Média na Europa até a sua adaptação brasileira. Na trova, que será elaborada pela autora, a estilo Gildo de Freitas, serão ressaltados alguns atrativos turísticos da cidade de Santa Maria, Itaara e a Quarta Colônia, valorizando e potencializando tanto as possibilidades de lazer como o enriquecimento do conhecimento histórico e cultural, através das diversas manifestações, que envolvem sustentabilidade, gastronomia, fé, tradições herdadas, crenças ufológicas, entre outras. Busca-se, ao longo do trabalho, externar a identidade e a diversidade do patrimônio dessa região, adotando a trova como ferramenta de trabalho a favor da cultura, com o objetivo de promover a difusão da memória, do patrimônio e contribuir para a divulgação dos atrativos turísticos. Além disso, pretende-se despertar, nos interessados, um mergulho na cultura local, de modo a lhes proporcionar a sensação de pertencimento, e identidade.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial. Turismo. Trova. Memória.

¹ **Trova gaúcha:** é expressão do improviso e da tradição do Rio Grande do Sul. São cantadas em estrofes, com rima e ritmo e, por vezes, em resposta a uma provocação.

ABSTRACT

TROVA AS A PROMOTER OF TOURISM IN SANTA MARIA AND REGION

AUTHOR: Elaine Patrícia Farias de Mattos
ADVISOR: Marcelo Ribeiro

This master's thesis plans to show the importance and power of regional culture, through the cultural manifestation called *trova gaúcha*, with its rhymed way of telling a story, looking at it as an element of diffusion and enhancement of local tourism. It will address not only the recognition and preservation policies of intangible heritage in southern Brazil, as well as the medieval origin from the poetic composition of the middle Ages in Europe until its Brazilian adaptation. In the *trova*, which the author will prepare, with the Gildo de Freitas style, some tourist attractions of the city of Santa Maria, Itaara and the Quarta Colônia, will be highlighted, valuing and enhancing both the leisure possibilities and the enrichment of historical and cultural, through the various manifestations, which involve sustainability, gastronomy, faith, inherited traditions, ufological beliefs, among others. The aim, throughout the chapters, is to express the identity and diversity of the heritage of this region, adopting the *trova* as a work tool favoring culture, with the objective of promoting the dissemination of memory, heritage and contribute to the dissemination of tourist attractions. In addition, it seeks to awaken, in those interested, an immersion in the local culture, in order to provide them with the feeling of belonging and identity.

Keywords: Patrimony Intangible. Tourism. Trova. Memory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONDESUS	Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia
CTG	Centro de Tradição Gaúcha
DPI	Departamento do Patrimônio Imaterial
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
SCI	Semana Cultural Italiana
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UBT	União Brasileira de Trovadores
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	ESTRUTURA DA PESQUISA.....	12
1.2	TEMA.....	13
1.3	PROBLEMA	13
1.4	OBJETIVOS.....	14
1.4.1	Objetivo geral	14
1.4.2	Objetivos específicos.....	14
1.5	JUSTIFICATIVA	14
1.6	METODOLOGIA	14
2	REVISÃO DA LITERATURA: AMARRANDO OS FIOS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	16
2.1	PATRIMÔNIO CULTURAL.....	16
2.2	PATRIMÔNIO IMATERIAL E MEMÓRIA	19
2.3	O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL NO SUL DO BRASIL	23
2.4	POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL	26
2.5	PISTAS DE UM TURISMO CULTURAL.....	30
2.5.1	Turismo e História: viajando pelos trilhos de Santa Maria	32
2.5.1.1	<i>Museu Memorial Mallet</i>	<i>33</i>
2.5.1.2	<i>Estação Ferroviária de Santa Maria – Gare</i>	<i>34</i>
2.5.1.3	<i>Vila Belga.....</i>	<i>35</i>
2.5.1.4	<i>Monumento ao Ferroviário</i>	<i>36</i>
2.5.1.5	<i>Cidade Cultura.....</i>	<i>36</i>
2.5.1.6	<i>Planetário.....</i>	<i>37</i>
2.5.1.7	<i>Relógio de sol equatorial e horizontal</i>	<i>38</i>
2.5.1.8	<i>Intihuatana</i>	<i>38</i>
2.5.1.9	<i>Relógio solar Tupi-Guarani</i>	<i>39</i>
2.5.1.10	<i>Jardim botânico.....</i>	<i>39</i>
2.5.1.11	<i>Teatro Treze de Maio</i>	<i>40</i>
2.5.1.12	<i>Museu Gama D' Eça.....</i>	<i>40</i>
2.5.1.13	<i>Museu Vicente Pallotti</i>	<i>41</i>
2.5.1.14	<i>Museu de Arte de Santa Maria (MASM)</i>	<i>42</i>
2.5.1.15	<i>Museu de Arte Sacra de Santa Maria</i>	<i>43</i>
2.5.1.16	<i>Museu Diácono João Luiz Pozzobon</i>	<i>43</i>
2.5.1.17	<i>Santuário de Schoenstatt</i>	<i>44</i>
2.5.1.18	<i>A Romaria de Nossa Senhora Medianeira</i>	<i>44</i>
2.5.1.19	<i>A Basílica Nossa Senhora da Medianeira.....</i>	<i>45</i>
2.5.1.20	<i>Catedral Diocesana.....</i>	<i>45</i>
2.5.1.21	<i>Calçada Salvador Isaia</i>	<i>45</i>
2.5.1.22	<i>Praça Saldanha Marinho</i>	<i>46</i>
2.5.1.23	<i>Parque Itaimbé.....</i>	<i>47</i>
2.5.1.24	<i>Ponte sobre o Vale do Menino Deus (Garganta do Diabo).....</i>	<i>47</i>
2.6	TURISMO NA REGIÃO: ATRATIVOS NATURAIS, RELIGIOSIDADE E GASTRONOMIA	48
2.6.1	Itaara	48
2.6.2	Rota da Quarta Colônia.....	50

2.6.2.1	<i>Silveira Martins</i>	51
2.6.2.2	<i>Nova Palma</i>	53
2.6.2.3	<i>São João do Polêsine</i>	54
2.7	A TROVA E SUA DIFUSÃO: DO VELHO AO NOVO CONTINENTE	56
2.7.1	Menestréis, Trovadores e Jograis	59
2.8	A TROVA VALORIZANDO A CULTURA POPULAR	65
2.8.1	A Trova no Rio Grande do Sul	67
2.8.2	O Centenário de Gildo de Freitas	69
3	CONSTRUINDO O LIVRETO: TURISMO EM FORMA DE TROVA	71
3.1	ETAPAS DO TRABALHO	71
3.1.1	Construção das estrofes	72
3.1.2	Produto final	74
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
	APÊNDICE	95
	APÊNDICE A – LIVRETO - SANTA MARIA EM TROVA – PRODUTO FINAL DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL DA UFSM.	95

1 INTRODUÇÃO

A literatura advinda dos contadores de estórias² é permeada por lendas, memórias e rimas. Através da história humana, a literatura oral esteve no cerne da cultura, passando de gerações a gerações, mantendo-se até a modernidade, onde a sociedade, segundo Bauman, tornou-se fluida, líquida e passageira. Através dela, pode-se investigar a formação da identidade, as visões de mundo, as crenças e os valores de uma coletividade. Também se podem verificar outras influências, através das marcas que vão sendo tecidas nessas narrativas.

A trova gaúcha, fruto da oralidade, torna-se elemento dinâmico e popular, podendo contribuir e divulgar o potencial turístico de uma localidade ou região. O turismo, fenômeno social, possui um importante papel como transformador de economias e sociedades, promovendo inclusão social, e, gerando oportunidades de emprego e renda.

Segundo Yúdice (2006), a cultura estabelece uma relação com o turismo, pois ela pode ser vista como recurso, atraindo investimentos cuja distribuição e utilização, tanto em nível econômico e turístico, quanto voltadas às indústrias culturais ou às novas indústrias dependentes da propriedade intelectual. Com investimento, um município não explorado ou pouco explorado turisticamente, pode se desenvolver economicamente e socialmente. A atividade turística, nos últimos anos, mesmo após a pandemia do Covid-19, tem sido de extrema importância no que diz respeito ao desenvolvimento e crescimento da economia mundial. O turismo detém hoje grande parte do PIB de muitos países, que têm melhorado suas condições econômicas em decorrência de investimentos e estruturas que o setor tem proporcionado.

Neste trabalho a abordagem de manifestações culturais relacionada com a literatura oral no Brasil, como no caso do cordel na Região Nordeste e a trova no sul do Brasil, em especial, no Rio Grande do Sul. Esta manifestação, por ser musical, e trazer a memória dos seus ancestrais, nos feitos do passado, sem deixar de olhar para o presente, por ser viva e integrar o ouvinte, pode ser explorada como uma forma de incentivar e divulgar o turismo de norte a sul do Brasil.

Esse gênero literário acabou sendo não só um meio de expressão, dos anseios e dos questionamentos sociais e políticos, como também um ofício e um meio de sobrevivência

² **Estória:** O termo estória é usado, sobretudo no campo do folclore, da narrativa popular, da linguagem oral, passada de geração a geração.

para inúmeros cidadãos brasileiros. Acredita-se assim, que a trova pode transmitir ao turista a cultura de diferentes povos.

É oportuno destacar que o cordel a nível nacional foi reconhecido em 2018 pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, como Patrimônio Cultural Brasileiro. É uma forma popular de cultura que caracteriza os estados da Região Nordeste. Pensando nisso, acredita-se que a trova desempenha semelhante papel na caracterização do jeito de ser do gaúcho, por engajar o ouvinte e torná-lo personagem da estória narrada. A trova já faz parte da nossa literatura e pode ser um difusor do turismo em diferentes regiões do estado. A trova, portanto, terá o papel de instrumento para o resgate da cultura, do turismo e, ao mesmo tempo, de aproximação do visitante ao local de visitação.

1.1 ESTRUTURA DA PESQUISA

Essa dissertação de mestrado tem como base uma revisão bibliográfica e será dividida em três capítulos, contando com o produto final, que será um livreto de trovas, difundindo os principais atrativos turístico de Santa Maria e arredores, podendo, posteriormente, ser declamada para que o visitante tenha um contato inicial, de forma divertida e inusitada, com esses atrativos. Pretende-se, assim, sensibilizar o visitante para que ele se sinta integrante da nossa cultura, do nosso patrimônio e valorize ainda mais a sua estadia.

No primeiro capítulo, intitulado de “Introdução”, apresenta-se o tema da pesquisa, o problema, o objetivo geral e os objetivos específicos, bem como a justificativa e a metodologia da pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado “Revisão da Literatura: amarrando os fios entre a teoria e a prática”, serão abordados o conceito e a importância do patrimônio cultural material e imaterial, a questão da memória e identidade de um povo, com referenciais teóricos atuais, já que este sofre constante reavaliação e redimensionamento, estabelecendo um amplo diálogo em diferentes áreas do conhecimento. Também se tratará, de forma resumida, das políticas de preservação ao longo dos anos. Não se pode deixar de lado o estudo da trova ao longo dos tempos. A explicação do modelo de trova escolhido, a do cantor e compositor gaúcho Gildo de Freitas, é uma espécie de homenagem a esse grande trovador.

O terceiro capítulo contempla a parte de “Métodos e Técnicas”, onde serão descritos os procedimentos metodológicos adotados ao longo da pesquisa, o estudo utilizado, bem

como as etapas e desafios na elaboração das frases e estrofes das trovas. A trova contará um pouco sobre os principais atrativos turísticos e servirão de orientação para o turista. A escolha dos locais teve como base o significado tanto em relação à história quanto à cultura, pela ótica de um morador local e, portanto, carregada de sensações emotivas. O visitante, ao ler a trova ou, até mesmo, participar de uma “roda de trovas” a convite dos trovadores, conhecerá o que pode explorar na cidade e na região que se encontra. As trovas serão elaboradas pela autora e impressas no livreto e, posteriormente, poderão ser distribuídos em pontos estratégicos ou patenteadas e musicalizadas.

A dissertação tem como encerramento as considerações finais, onde se verifica se os objetivos foram alcançados, identificando as possibilidades de novas pesquisas, e sobretudo a materialização do produto, nesse caso, o livreto com as trovas.

1.2 TEMA

O tema da pesquisa é a difusão do patrimônio imaterial, através da trova como elemento de promoção do turismo no Rio Grande do Sul, em especial, na região dos municípios de Santa Maria, Itaara e os nove municípios que compõe a chamada Quarta Colônia.

1.3 PROBLEMA

O município de Santa Maria e a região do seu entorno possuem paisagens naturais exuberantes, uma cultura baseada na colonização portuguesa, tribos indígenas, africanos e na imigração de italianos e alemães. Essa cultura pode ser observada nos museus, monumentos, edifícios e praças. No entanto, no seu atual momento necessita de investimentos em equipamentos de cultura e na qualificação de recursos humanos para melhorar seu desempenho e possibilitar ao turista uma vivência intensa e interativa com a cultura local. O problema proposto é a trova, como manifestação cultural característica do Sul, seria um elemento de atração ao turista para conhecer a Região Central do estado.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

- Apresentar a trova gaúcha como um possível instrumento de difusão da cultura e do patrimônio regional aos turistas, proporcionando uma interação com o turismo e com o povo nativo.

1.4.2 Objetivos específicos

- Aprofundar os estudos sobre turismo cultural e a história regional;
- Compreender a trova como patrimônio cultural e imaterial;
- Construir trovas relacionadas aos principais atrativos turísticos de Santa Maria, Itaara e municípios da Quarta Colônia.

1.5 JUSTIFICATIVA

Justifica-se que a trova, além de enriquecer a cultura regional, pode contribuir na divulgação e incentivo de alguns atrativos turísticos em Santa Maria, Itaara e Quarta Colônia. Esse gênero acabou sendo não só um meio de expressão da cultura e da tradição do Rio Grande do Sul, como também um ofício e um meio de sobrevivência para inúmeros trovadores. Hoje a trova saiu do campo, da propriedade rural e alcançou a cidade, através dos festivais e dos Centros de Tradição Gaúcha. Por isso, acredita-se que sua forma de comunicação popular, sua oralidade, sua rima, sua musicalidade e sua interação com o público possa enriquecer a cultura e o turismo sulino, trazendo ao turista conhecimento da cultura, dos costumes e das tradições do estado do Rio Grande do Sul.

1.6 METODOLOGIA

Essa pesquisa terá como base metodológica uma revisão bibliográfica, sustentada no tripé: patrimônio cultural, histórico e imaterial, trova gauchesca a estilo Gildo de Freitas e turismo regional. Pretende-se aqui, vislumbrar caminhos, de forma criativa e inovadora, sem

apresentação de soluções prontas, pois não se encontrou trabalhos científicos que tenham utilizado a trova como meio de difusão do turismo.

Em relação ao aporte teórico, buscar-se-á analisar autores reconhecidos, justificando a importância da trova como meio de apresentação, valorização e difusão dos atrativos turísticos não só no cenário nacional, como também na comunidade local. Após a escrita do texto dissertativo, será descrito e apresentado o produto final um livreto, contendo a trova citada, na busca da aproximação do visitante à tradição gaúcha. As trovas elaboradas e impressas no livreto são inéditas.

O desejo almejado é despertar nas pessoas essa identificação cultural com a região. Tendo isso em vista, foi escolhida a trova gaúcha como tema principal do produto, por acreditar que ela pode não só resgatar os valores do Rio Grande do Sul, como também mostrar de uma forma criativa, com rima, musicalidade e interação, abordando os aspectos históricos, sociais e turísticos e difundindo essa arte, que faz parte do nosso patrimônio imaterial.

2 REVISÃO DA LITERATURA: AMARRANDO OS FIOS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

A revisão bibliográfica é fundamental para a compreensão do trabalho, momento em que se compila, expõe e se dialoga com autores sobre conceitos de patrimônio cultural e imaterial, turismo, trova entre outros. O levantamento bibliográfico tem por finalidade levantar as referências encontradas sobre determinado tema (CERVO; BERVIAN, 2002). A revisão de literatura ou revisão bibliográfica teria, então, dois propósitos, seguindo os pressupostos de Alves-Mazzotti (2002), a construção de uma contextualização para o problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa.

2.1 PATRIMÔNIO CULTURAL

O conceito de patrimônio histórico e artístico, oriundo de políticas públicas que valorizavam edificações e monumentos, foi substituído por patrimônio cultural, a partir do entendimento das manifestações imateriais e seu valor. O termo patrimônio, oriundo do termo latim *pater*, significa herança paterna e, como bem explica Maria Amélia Corá, na sua tese de doutorado (2011, p. 73): “é a propriedade que a família recebe dos seus ancestrais”. E continua explanando que com o passar dos anos, o termo patrimônio estendeu o significado para nação, saindo do plano meramente familiar e passado a representar uma sociedade. Os autores Elison Antônio Paim e Maria de Fátima Guimarães (2020, p. 42) definem patrimônio como:

Patrimônio é polissêmico, contém, em seu interior, significados múltiplos relativos a um sujeito, a uma comunidade, a um país, a aspectos culturais, espirituais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográfico, turísticos, dentre outros.

Patrimônio é sempre definido com base em sentidos e significações de valores e, portanto, de entidades imateriais.

Patrimônio remete-nos à ideia de herança; nesse sentido, quanto mais às pessoas o sentem como seu, como algo próximo, maior será a preocupação em preservá-lo.

Patrimônio mobiliza um grupo humano, uma sociedade capaz de identificá-lo como sua propriedade de, além de demonstrar sua coerência e organizar sua recepção.

Patrimônio está associado às práticas voltadas ao fortalecimento/produção de identidades de determinados grupos. Patrimônio concorre para a identidade, imagem e educação.

O Decreto do Governo Federal do Brasil de 1937 define como patrimônio “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer

por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. A partir da ampliação do conceito de patrimônio estabelecido por esse decreto, é relevante destacar que passa a preconizar o patrimônio cultural brasileiro os bens não só de natureza material, como também imaterial, como as formas de expressão, os modos de criar e fazer e viver, que sejam “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Essa redefinição foi muito importante, significou avanço no sentido de reconhecimento da cultura popular. Quanto ao cumprimento das leis, foi criado em 1936, a partir de determinação presidencial dirigida ao ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, conforme mencionado no relatório de atividades desse ano apresentado por Rodrigo Melo Franco de Andrade, durante o Governo de Getúlio Vargas, o Serviço Nacional de Patrimônio Artístico Nacional, SPHAN, que em 1946 passa a ser chamado de IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que foi responsável pelo trabalho de identificação, catalogação, criação das leis de tombamento, a preservação e conservação dos bens patrimoniais. Este instituto, criado no governo de Getúlio Vargas, e contou com a colaboração de nomes ilustres do modernismo brasileiro, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Mário de Andrade, por exemplo, assumiu a direção do Departamento de Cultura do estado de São Paulo. Com isso, pela primeira vez, a cultura passou a ter mais destaque, com políticas públicas voltadas para ela: “as atividades das divisões desse departamento estavam todas articuladas entre si, buscando potencializar os resultados obtidos por meio da criação de políticas públicas para a área da cultural” (CALABRE, 2009. p. 19).

Precursor na preservação do patrimônio na América Latina, o Instituto possui um vasto conhecimento acumulado ao longo de décadas e tornou-se referência para instituições assemelhadas de países de passado colonial, mantendo ativa cooperação internacional. Visando facilitar o acesso ao conhecimento dos bens nacionais, gerenciando o patrimônio segundo as características de cada grupo: Patrimônio Material, Imaterial, Arqueológico e Patrimônio Mundial. O IPHAN constrói em parceria com os governos estaduais o Sistema Nacional do Patrimônio Cultural, com uma proposta de avanço disseminada de maneira contínua para os estados e municípios.

A discussão acerca do patrimônio cultural é sempre atual e vem sendo debatida e fundamentada por muitos intelectuais reconhecidos como, por exemplo, Choay (2014), Barretto (2003), Banducci Jr., Urry (1996), Castrogiovanni e Gastal (1999), Santana Talavera

(1997; 2003). O patrimônio, como diz Choay (2014), é uma palavra antiga ligada a estruturas familiares, “congregam a sua pertença comum ao passado” (p. 11) e, por isso, entende-se como o resultado das ações humanas transmitidas de geração a geração. Dividido em forma material e forma imaterial, consolidada nas tradições, formas de fazer, de construir artefatos ou instrumentos musicais, de produzir alimentos, de pinturas corporais e outras manifestações.

No site do IPHAN, aparece o conceito de patrimônio cultural conceituado como conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas, que remetem à história, à memória e à identidade do povo. Segundo Reginaldo Gonçalves (1996), no Brasil, a questão do patrimônio tem como meta identificar e representar a cultura nacional. Patrimônio representa a nacionalidade, ou seja, ele autentica a existência da Nação. Nas palavras de Ornelas e Pereira [sd], “o patrimônio cultural é sempre remetente ao coletivo e este é, por sua vez, tutelado pelos governos. Os Estados são os reguladores do que compõem um patrimônio cultural nacional e, quando em organizações de cooperação internacional, da humanidade” (p. 2).

O patrimônio está ligado diretamente à cultura e isso é um fato incontestável. E, como define Nestor Caclini (1994), não se pode falar em cultura sem levar em conta as interações, convergências e choques. Surge a ideia de cultura híbrida, pondo em choque a existência de uma única identidade. As identidades podem ser “imaginadas e reinventadas em processos de hibridização e transnacionalização” (CANCLINI, 2001, p. 144). A modernidade, diante disso, é sinônimo de pluralidade, mesclando relações entre hegemônicos e subalternos, tradicional e moderno, culto e popular. “As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis” (CANCLINI, 2001, p. 304).

No debate sobre os limites do patrimônio como nacional, percebe-se que, por vezes, há uma supervalorização do discurso oficial, isto é, a definição de patrimônio está pautada pela instituição cultural oficial do Estado. Canclini (2008 p. 194) faz a crítica a esses limites do patrimônio, já que relaciona patrimônio com noção de valor, de identidade e de distinção entre setores sociais. Para o autor,

Se considerarmos o uso do patrimônio a partir dos estudos sobre reprodução cultural e desigualdade social, vemos que os bens reunidos na história por cada sociedade não pertencem realmente a todos, mesmo que formalmente pareçam ser de todos e estejam disponíveis para que todos os usem.

Já Laraia (1997) fala da cultura como um conjunto de valores, crenças, costumes, hábitos e fatores históricos materiais e imateriais que permeiam, de forma dinâmica, a vida social. Ou seja, comprova-se que patrimônio só existe aliado à cultura e vice-versa. Nas

palavras de Barreto (2003, p. 11), o patrimônio cultural abarca “utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e formas de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade”.

Françoise Choay (2001 p. 11) dedica-se ao Patrimônio Histórico:

Patrimônio histórico. A expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes dos seres humanos.

A valorização do patrimônio histórico e cultural é um importante passo para o reconhecimento da identidade que distingue um lugar, uma pessoa, uma tradição, etc. Por isso, preservar as paisagens, as obras de arte, as festas populares, a culinária ou qualquer outro elemento cultural de um povo é, antes de tudo, garantir a preservação da sua identidade.

As políticas públicas relacionadas com o patrimônio preocupam-se em manter preservada a visão cultural do Estado, por meio dos heróis nacionais e dos prédios históricos, mas também devem se atentar para a cultura cotidiana das pessoas, o saber popular, os modos de fazer, as relações sociais da comunidade. Com isso, as políticas referentes à cultura do patrimônio imaterial podem possibilitar o acesso ampliado à diversificada cultura brasileiro.

2.2 PATRIMÔNIO IMATERIAL E MEMÓRIA

A UNESCO³ define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”.

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A ideia de patrimônio nacional encontrava-se norteadada à preservação de bens imóveis, até o final da década de 1970. A essas unidades, consideradas a princípio isoladamente, juntaram-se os conceitos de sítios e conjuntos arquitetônicos relevantes para a sociedade, onde eram dispostos como relíquias do passado histórico e empregados pedagogicamente no ensino

³ UNESCO: Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

dos valores nacionais a fim de se firmar um sentimento de nacionalidade comum a todo brasileiro: consagrados pelo poder público, estes bens ganhavam uma espécie de aura que os situava acima do presente, dos conflitos e diferenças manifestos no cotidiano. Os bens e manifestações culturais estavam preservados, apropriados, prontos para informar o passado como uma das instâncias do conhecimento social, para serem vistos com a reverência própria que merecem os lugares fundadores; para serem estudados em sua forma e técnica construtiva; para ensinarem o que era brasileiro.

Mais tarde, esse conceito de preservar apenas bens imóveis foi repensado, sendo então admitidas medidas de preservação referentes a outras áreas da dinâmica cultural brasileira. Surgia, assim, a capacidade de tombamento não só de bens de natureza material, mas também de bens de natureza imaterial, conforme dispõe o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que salienta:

Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

A Carta Constitucional brasileira promulgada em 1988 acabou por resgatar alguns pressupostos preservacionistas que já haviam sido sugeridos por Mário de Andrade e Aloísio Magalhães, os quais reafirmavam que a ação em defesa do patrimônio devia se desenvolver de forma independente da ação do tombamento, baseando-se na referencialidade dos bens. As disposições, contidas no artigo 215, reiteram a proteção às manifestações populares indígenas e afro-brasileiras ou de quaisquer outros segmentos étnicos nacionais, propondo, inclusive, a fixação de efemérides⁴ ou datas comemorativas concernentes aos seus respectivos interesses.

A defesa do meio ambiente, da qualidade de vida nos centros urbanos e da pluralidade cultural representaram avanços na luta pela cidadania e por políticas preservacionistas nos anos que se seguiram. A partir desse momento, a preocupação com a preservação do patrimônio deixa de ser uma questão voltada apenas aos bens imóveis e passa à valorização da cultura e a pluralidade cultural do povo brasileiro, tanto de origem material bem como imaterial.

⁴ **Efemérides:** Livro, agenda em que se relacionam os acontecimentos de cada dia; diário.

A preservação dos bens patrimoniais tem por finalidade conservar traços da vida cotidiana e de certa forma, relatar como vivia a sociedade em determinada época pretérita, pois o que é conservado sempre será considerado valioso, através do valor sentimental, material ou como herança histórica. A conservação de bens patrimoniais também deve ter por objeto edificações que tenham um significado coletivo para determinada comunidade, pois nele se perpetua a memória de uma sociedade, preservando-se os espaços utilizados por ela na construção de sua história.

A memória, nesse entremeio, pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e reviver experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, parte de processos de interação de cada indivíduo com seu meio. A partir do início do século XX, sobretudo no campo do conhecimento das Ciências Humanas, o conceito de memória passou a ser definido como um fenômeno social, na medida em que as relações entre os indivíduos são estabelecidas pelas formas em que os mesmos interagem entre si, através dos aspectos socioculturais, como por exemplo, nos ambientes: familiar, profissional, político, religioso, dentre outros. Tais elementos são fundamentais na construção das memórias e, conseqüentemente, da história destes indivíduos.

Jacques Le Goff (2013) aponta a relação entre memória e história, quando salienta que “tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica. Assim, a memória também pode ser utilizada para reconstruir os fatos históricos a partir de ressignificações individuais”.

Le Goff (2013) também aponta alguns elementos importantes para o estudo da memória e insere o caráter de identidade como fundamental para conceituá-la como algo a ser conquistado, construído. A memória, em seus estudos, é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Segundo Le Goff (2013, p. 437), “a memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

Mais especificamente, sobre a memória coletiva, o autor destaca que esta é um objeto de poder.

São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (Le GOFF, 2013, p. 435).

Enquanto geradora da identidade, a memória pode ser vislumbrada como sendo participante da construção da identidade de uma sociedade. Essas ideias vêm ao encontro dos pressupostos trabalhados pelo autor Maurice Halbwachs (2003). Em seu livro “A memória coletiva”, ele discorre sobre as duas principais categorias da memória: a memória individual - “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (HALBWACHS, 2003, p. 29) e a memória coletiva - “é como se estivéssemos diante de muitos testemunhos” (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Diante da perspectiva que o indivíduo nunca está sozinho, mesmo os acontecimentos vividos solitariamente são percebidos enquanto lembranças que permanecem coletivas, ou seja, para o autor, a memória individual é construída a partir da memória coletiva. A memória como um fenômeno coletivo e social é um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes ao longo dos tempos. Sobre esse ponto, Michael Pollak (1992, p. 01-03) destaca como característica da memória, tanto individual como coletiva, o caráter mutante.

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (POLLACK, 1992, p. 4).

O autor analisa ainda os elementos constitutivos da memória e ordena-os em: acontecimentos, pessoas e lugares. Os acontecimentos podem ser vividos pessoalmente ou acontecimentos vividos “por tabela” (vividos em coletividade); as pessoas podem ser categorizadas por personagens encontradas durante a vida e também vividas indiretamente, ou “por tabela”. Por fim, os lugares da memória, lugares de comemoração, que ficaram marcados na memória pública do indivíduo, os vestígios datados da memória. “Esses três critérios, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos” (POLLAK, 1992, p. 03).

Na sua conferência, realizada no Brasil em 1987, Pollak estabelece uma estreita ligação entre memória e identidade social, adicionando um terceiro elemento: a história oral. Para ele, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. A modernidade e a tradição podem coexistir. Segundo Nestor Canclini (1998), intelectuais, políticos, artistas e literatos mobilizaram para trazer à cena o popular e a oralidade. Fundada no tripé povo, nação e

tradição. A base do seu argumento é que as sociedades se movem pelo imaginário, e a identidade então é móvel, aberta e flexível.

Hall (2006) e Candau (2011) também caminham por essa linha de pensamento, na qual identidade deve ser pensada sob o signo da provisoriedade, como processo que está sempre em fase de construção. A identidade acaba sendo sempre incompleta, e, processo, em formação.

2.3 O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL NO SUL DO BRASIL

De acordo com o IPHAN, há quatro⁵ tipos de patrimônios imateriais registrados no sul do Brasil, dois deles no Rio Grande do Sul, um no Paraná e um em Santa Catarina, são eles:

- A Tava, lugar de referência para a memória e a identidade do povo Guarani;
- As Tradições Doceiras da região de Pelotas;
- No Paraná, há o Fandango Caiçara;
- Em Santa Catarina, a Procissão do Senhor dos Passos.

O MERCOSUL⁶ intitulou a Tava, reconhecendo a presença ancestral dos Guaranis no território *Yvy Rupá*, que hoje integra o Brasil, a Argentina e o Paraguai. Os Guaranis organizaram uma grande rede étnica, formada por aldeias, caminhos e locais sagrados e, por isso, desejam preservar o território dos seus ancestrais, tornando o local de atividades diversas e de aprendizado para os mais jovens.

Conforme contam o Guarani-Mbyál, os antigos seguiram os preceitos do bem-viver Guarani, plantando e colhendo alimentos tradicionais, cantando e orando em suas *Casas de Reza*, caminhando por um vasto território, fundando aldeias e erguendo construções em pedra, as Tavas, que orientavam a caminhada dos Guaranis contemporâneos. A Tava Guarani possui um sentido cosmológico. Por estar em ruínas, revela a condição de finitude que caracteriza a vida terrena, mas, ao mesmo tempo, demonstra que é possível superar essa condição, como fizeram os antigos que a construíram. Eles se tornaram pessoas encantadas e alcançaram a morada celeste dos imortais, onde tudo permanece vivo e se renova. Assim, a Tava aciona sentimentos de pertencimento e identidade. E, através dela, os *Guarani-Mbyál* interpreta o

⁵ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1616/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁶ **MERCOSUL**: O Mercado Comum do Sul é um processo de integração regional conformado inicialmente pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai ao qual recentemente incorporaram-se a Venezuela e a Bolívia, esta última em processo de adesão.

evento histórico das Missões, incorporando-o as suas narrativas e reelaborando-o segundo a lógica de sua cosmologia.

As Tradições Doceiras da Região de Pelotas e antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu) foram inscritas pelo Iphan, no Livro de Registro dos Saberes, em maio de 2018, após a reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em Brasília (DF). Pela primeira vez, os conselheiros analisaram, a um só tempo, os dois instrumentos de proteção, como tombamento e registro, abrangendo os aspectos arquitetônicos e artísticos, associados ao modo de fazer os doces nessa região.

A inserção entre o material e o imaterial é essencial para a compreensão da dimensão das tradições, memórias e identidade da nação brasileira. Todos esses aspectos são fruto de uma rica diversidade étnica, cultural e religiosa, que interage e se integra perfeitamente no patrimônio cultural material e nas manifestações culturais imateriais. Pelotas encontra-se no núcleo de uma região doceira que abarca uma multiplicidade de saberes e identidades sob a forma de duas tradições: a de doces finos e a de doces coloniais. Os doces desempenham um papel particular na composição da sociedade regional, sendo um elemento cultural que amarra a diversidade de grupos étnicos e sociais que a compõe.

A Região Doceira, como já citado, compreende o município de Pelotas, correspondente à região onde se formou o núcleo charqueador, e outros quatro municípios, que formavam a Antiga Pelotas. No entanto, esse recorte territorial não limita somente a essas localidades. Para a maioria das doceiras, a ocupação vem da herança familiar, principalmente no meio rural, entre os produtores de doces de frutas, que compõem à região colonial. Assim, o registro das Tradições Doceiras de Pelotas e Antiga Pelotas contemplam o espaço de vivências, o valor identitário e a relação demonstrada entre o saber doceiro e o território referido.

Pelotas ficou conhecida historicamente, remontando-se para a Revolução Farroupilha, por ser uma região produtora de charque, charque este que foi trazido pelo cearense José Pinto Martins no ano de 1780.

A chegada do charque ou de uma indústria de mão de obra escrava ocasionou a importação do açúcar. Assim, unem-se os dois sabores e os dois títulos da cidade: “cidade do charque” e “capital nacional do doce”. Os navios que levavam o charque para o Nordeste traziam de volta grandes quantidades de açúcar, transformados, no interior dos casarões pelotenses, em doces finos.

Os doces, com receitas portuguesas eram confeccionados geralmente à base de ovos, fidelizando a tradição trazida de Portugal. Os Portugueses trouxeram costumes associados ao

uso do açúcar, servindo para a arte doceira, e do sal, matéria-prima fundamental para desidratar a carne dos animais abatidos em larga escala.

Fora do RS, pode-se citar o Fandango Caiçara, no Paraná, que foi registrado pelo IPHAN em novembro de 2012. O fandango caiçara é uma forma de expressão enraizada no cotidiano das comunidades caiçaras. É uma expressão musical, coreografada, poética e festiva, cuja área de ocorrência abrange o litoral sul do Estado de São Paulo e o litoral norte do Estado do Paraná. É composto de um conjunto de práticas que transcorrem o trabalho, o divertimento, a religiosidade, a música e a dança, prestígios e rivalidades, saberes e fazeres. O Fandango Caiçara se classifica em batido e bailado ou valsado, cujas diferenças se definem pelos instrumentos utilizados, pela estrutura musical, e pelos versos e toques.

Nos bailes, ocorrem redes de trocas e diálogos entre gerações, intercâmbio de instrumentos, afinações, modas e passos viabilizando a manutenção da memória e da prática das diferentes músicas e danças. Para as comunidades rurais e de pescadores pertencentes a este território, o lugar do fandango propicia laços de sociabilidade produzidos na região. O fandango está sempre presente nos casamentos, batismos, aniversários, festas de santos e padroeiros garantindo a diversão e a preservação da tradição.

Devido à relevância do fandango⁷, foi criado, em 2011, o Museu Vivo do Fandango, fazendo parte da Lista de Melhores Práticas de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da Humanidade. A iniciativa ajuda a preservar a prática do Fandango Caiçara, cuja manifestação popular vai além da dança e música, e se torna uma espécie de mutirões de trabalho, especialmente na lavoura e na pesca.

Para sua implementação, 300 fandangueiros da região se mobilizaram, sendo responsáveis pelo desdobramento na constituição do museu comunitário a céu aberto, sob a forma de um circuito de visitação e troca de experiências em cinco municípios da região. O circuito inclui casas de fandangueiros e artesãos de instrumentos musicais, centros culturais e de pesquisa, espaços de comercialização de artesanato caiçara, além de locais de disponibilização de acervos bibliográficos e audiovisuais.

A iniciativa de fundar esse museu se deve a uma organização não governamental, a Associação Cultural Caburé. O Museu foi criado para promover atividades em prol da salvaguarda do fandango, como elemento importante do patrimônio cultural das comunidades e tem promovido a sensibilização do público, por meio da apresentação de espetáculos locais, de seminários com professores, publicação de livros e CDs, e da disponibilização de coleções

⁷ **Fandango Caiçara:** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/938/>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

bibliográficas e audiovisuais para consulta. Esse modelo de prática de salvaguarda se baseia na cooperação e pode ser adaptado a outras expressões culturais e contextos regionais análogos, levando-se em conta as características locais.

Em Santa Catarina, foi criada a Procissão do Senhor dos Passos, conforme Decreto nº 2.504 de 2006 e, também, Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo IPHAN. A Procissão do Senhor dos Passos acontece há 250 anos em Florianópolis, com duração de uma semana, sempre 15 dias antes da Páscoa. É o ápice do ritual da Paixão de Cristo, que recorda a perseguição, a condenação e a flagelação sofrida por Jesus e tem como momento máximo o encontro entre Maria e Jesus a caminho do Calvário.

A Procissão tem início com a chegada da imagem à cidade, então denominada Vila de Nossa Senhora do Desterro, em 1764. Conta a tradição que a embarcação que transportava a escultura vinha da Bahia e seguia para o Rio Grande. No entanto, não conseguiu cruzar a Barra que levava ao porto de destino e, após várias tentativas frustradas de seguir viagem, acabou retornando à vila de Nossa Senhora do Desterro por três vezes. O próprio capitão do navio teria visto nos fatos a manifestação da vontade divina de que a imagem ficasse na cidade e entrou em acordo com moradores da vila que custearam a sua permanência.

A Procissão é antecedida por vários eventos que se sucedem ao longo da terceira semana da Quaresma. Em seu calendário destacam-se momentos marcantes, desde a manhã de quinta-feira, com a Lavação da imagem do Senhor Jesus dos Passos, seguida pela Missa dos Enfermos. No sábado, ocorre a transladação das imagens do Senhor Jesus dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, da Capela do Menino Deus até a Catedral. No domingo, por fim, o ciclo culmina com a Procissão do Encontro, que segue trajeto da Catedral para a Capela do Menino Deus. Em setembro de 2018, a Procissão do Senhor dos Passos de Santa Catarina foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil e inscrita no Livro de Registro das Celebrações, por sua relevância para a identidade cultural catarinense e para a diversidade cultural brasileira, que se manifesta nas mais variadas formas e tradições regionais.

2.4 POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Com a Constituição Federal de 1988, ocorreu a sucessão legal da ampliação no sentido dos bens considerados patrimônio cultural. Aliado a essa questão, ocorreu um avanço por políticas de preservação, que conseguissem atuar sob diversas vertentes, indispensáveis para as características da cultura brasileira.

O Patrimônio Cultural é um elemento importante para o desenvolvimento social do Brasil, por estimular a economia, gerar empregos e renda. Isabel Botelho, no seu artigo *Dimensões da Cultura e Políticas Públicas* (2001), volta-se para as relações entre políticas públicas e patrimônio cultural, deixando claro que a “área da cultura tende a ser vista como acessória no conjunto das políticas governamentais, qualquer que seja a instância administrativa” (p. 76).

A produção cultural brasileira hoje deve sua atividade basicamente às leis de incentivo fiscal federal, estaduais e municipais. Os recursos orçamentários dos órgãos públicos, em todas as esferas administrativas, são tão pouco significativos que suas próprias instituições concorrem com os produtores culturais por financiamento privado (p. 77).

No seu artigo, ela avalia duas dimensões culturais importantes: antropológica e sociológica. Na primeira dimensão, a antropológica, “a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas” (p. 74). Para que as políticas culturais se fortificassem, deveria haver uma reestruturação social e distribuição de recursos econômicos. A segunda dimensão, a sociológica, “refere-se a um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, tendo, portanto, visibilidade em si própria” (p. 74). Neste espaço, as políticas poderiam ter uma ação efetiva, permitindo “a elaboração de diagnósticos para atacar os problemas de maneira programada, estimar recursos e solucionar carências, através do estabelecimento de metas em curto, médio e longos prazos” (p. 75).

O Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional completou 80 anos em 2018, com 87 conjuntos urbanos tombados, resultando cerca de 80 mil bens em áreas tombadas e 531 mil imóveis em áreas de entorno já delimitadas. Também tem, sob sua proteção, 40 bens imateriais registrados, 1.262 bens materiais tombados, oito terreiros de matrizes africanas, 24 mil sítios arqueológicos cadastrados, mais de um milhão de objetos arrolados (incluindo o acervo museológico), e cerca de 250 mil volumes bibliográficos com ampla documentação de arquivos.

Ao longo desses 80 anos, o IPHAN buscou preservar não só os grandes sítios urbanos, como também a pequena casa de madeira, onde morou o seringueiro Chico Mendes, em Xapuri (AC). O instituto também busca salvaguardar, por exemplo, o Ofício das Paneleiras de Goiabeiras; as celebrações de Círio de Nazaré ou a Festa do Bonfim; ou de expressões populares e culturais, como o Frevo, a Roda de Capoeira e a Arte Kusiwa dos índios Wajãpi;

espaços de reproduções das matrizes africanas, práticas religiosas, que representam a luta e a resistência dos povos afro-descendentes e as diversas tribos indígenas existente no Brasil.

Em 1986, foi tombado o Terreiro da Casa Branca, em Salvador (BA), carregado de simbolismo, pois nos anos 1940 e 1950, ainda nos dias de hoje, os terreiros eram perseguidos e fechados por forças policiais por preconceito. Nas duas últimas décadas, cresceu a política de valorização e reconhecimento das práticas religiosas dos negros. Graças às disposições contidas no art. 215, da Constituição Brasileira, houve a reiteração da proteção às manifestações populares indígenas e afro-brasileiras. Passou-se a propor, por exemplo, a fixação de datas comemorativas relacionadas a esses segmentos.

Na Resolução nº1 de 2006, os bens culturais de natureza imaterial são as “criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos, como expressão de sua identidade cultural e social”. Aloísio Magalhães (1997) afirma que a noção de bens culturais, ao mesmo tempo em que opôs a noção de patrimônio histórico, incorporou-o. Isso porque ela se contrapôs à noção de patrimônio reduzida à preservação do patrimônio de pedra e cal, representado pela arquitetura de monumentos da etnia branca, e de valorização das forças militares ou eclesiásticas, passando a abranger bens ecológicos, tecnologias, artes, fazeres e saberes. Para Magalhães (1997, p. 72), “a cultura é vista dentro de uma dimensão do fazer popular inserido na dinâmica viva do cotidiano, onde se reconhece a vocação e se descobrem os valores de uma nacionalidade”.

Através do Decreto 3551/2000, que registra o Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, foi declarada a responsabilidade do estado com esses bens, agregando à valorização da diversidade linguística a política do patrimônio imaterial. O Brasil, que tem como língua oficial o Português, possui falantes de mais de 180 línguas indígenas, algumas línguas de imigração européias hoje desaparecidas nos seus países de origem e ainda dialetos e línguas de remanescentes de línguas de matrizes africanas. É o caso, por exemplo, das línguas indígenas Asurini, Guarani Mbya e a de migração Talian, reconhecidas como Referência Cultural Brasileira.

Com relação, a salvaguarda do patrimônio imaterial, em 1997, durante o Seminário Internacional Patrimônio Imaterial: estratégias e formas de proteção, foi proposta a criação de um instrumento legal sobre a salvaguarda, a Carta de Fortaleza. Este documento propôs que fosse realizado um inventário desses bens em âmbito nacional e a criação, pelo Ministério da Cultura, de um grupo de trabalho para desenvolver estudos e criar o Registo, com embasamento jurídico. Em decorrência disso, em 1998, criou-se o Grupo de Trabalho

Patrimônio Imaterial (GTPI) que apresentou a proposta técnica do Decreto Nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, criando o registro de bens culturais de natureza imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Com o passar dos anos, as ações de salvaguarda mais estruturadas e sistemáticas passaram a ser implementadas pelo IPHAN, a partir da criação do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI), em 2004.

Os mecanismos de reconhecimento do bem imaterial ocorrem após a aprovação do Conselho Consultivo, quando o bem cultural é registrado como Patrimônio Cultural do Brasil, mantendo esse título por 10 anos, passa por uma reavaliação para que se mantenha ou não o título de registro.

O Programa propõe valorizar principalmente as representações culturais de natureza imaterial de matrizes africanas e indígenas, que até então não haviam sido contempladas diretamente pelas políticas de patrimônio, e que tinham sua importância reconhecida, na maior parte das vezes, como objeto de pesquisas folclóricas.

De acordo com Camargo (2002, p. 91), há um avanço na política adotada pelo IPHAN, cujas atividades não se limitaram apenas à preservação, mas ao restauro e à reabilitação dos bens, à ampliação e à codificação dos conhecimentos relativos à temática arquitetônica e artística da arte tradicional brasileira, principalmente com a incorporação do patrimônio imaterial, como festas, danças, procissões, gastronomia etc.

No seu site, o IPHAN deixa claras as ações do PNPI:

- Pesquisa, documentação e informação: para realização de pesquisas, levantamentos, mapeamentos e inventários.
- Sustentabilidade: formulação e implementação de planos de salvaguarda, estímulo e apoio à transmissão de conhecimento, incentivo a ações de reconhecimento e valorização dos detentores de conhecimentos, apoio à organização comunitária e a ações de melhorias da produção e circulação dos bens, e elaboração de indicadores para acompanhamento e avaliação de ações de valorização e salvaguarda do patrimônio de cultura imaterial.
- Promoção: divulgação de ações de identificação, registro e salvaguarda, desenvolvimento de programas educativos para a difusão da cultura imaterial, sensibilização da população da importância do patrimônio imaterial, divulgação dos bens imateriais registrados.

- Capacitação: formação e capacitação dos agentes para identificação, reconhecimento e salvaguarda do patrimônio, apoio a centros de formação para a realização de capacitações, e desenvolvimento metodológico no campo da preservação e transmissão de conhecimentos tradicionais.

O IPHAN, por ter mais de 80 anos, precisa se modernizar, equipar-se, tendo em vista à adaptação ao um novo programa. Outro problema, inerente às novas políticas, é o baixo conhecimento sobre os trâmites legais, principalmente no que diz respeito às diferenças entre os procedimentos de tombamento de bens materiais e os procedimentos de registro de bens imateriais.

Existe uma necessidade iminente de aprimoramento do modelo de gestão institucional, com alternativas para o desenvolvimento de uma política baseada na participação da comunidade, de modo que esta consiga expressar suas expectativas. Nas inovações previstas, de acordo com o IPHAN (2007, p. 23), objetiva-se implementar uma política nacional de inventário, registro, salvaguarda de bens culturais de natureza imaterial; contribuir para a preservação da diversidade cultural do país e para a divulgação de informações sobre o patrimônio cultural brasileiro para toda a sociedade. O programa tem ainda os objetivos de captar recursos; promover a constituição de uma rede de parceiros, incentivar e apoiar iniciativas e práticas de preservação desenvolvidas pela sociedade.

O patrimônio imaterial nem sempre teve prioridade da instituição. O ministro Gilberto Gil (2003 a 2008) teve um papel importante na incorporação de novas referências, em especial, sobre a cultura popular e imaterial, para o entendimento das políticas culturais. Estimulado pela nova perspectiva implantada, o processo de patrimonialização passou a incorporar o segmento da juventude que se interessa por práticas tradicionais. Isso demonstrou a transformação das expressões populares na hierarquia das culturas legítimas.

2.5 PISTAS DE UM TURISMO CULTURAL

A partir dos anos 50 do século XX, realizaram-se esforços internacionais para diagnosticar e propor soluções a partir de políticas de cooperação e assistência intelectuais relacionando patrimônio e desenvolvimento, com foco principalmente no turismo. A perspectiva era a de que a ativação econômica do patrimônio levaria ao desenvolvimento dos lugares onde estivessem localizados os bens culturais. O turismo cultural, como cita Pereira (2012), foi abordado pela UNESCO a partir dos anos de 1960, que passou a inscrever bens

culturais na Lista do Patrimônio Mundial a partir de 1978. O turismo cultural se consolidou como uma forma positiva de turismo, que poderia ajudar a combater os impactos negativos do turismo de massa, que visa somente lucro e não busca preservar a cidade, sua história e seus bens materiais e imateriais.

Silberberg (1995, p. 361) define turismo cultural como: “[...] visitação por pessoas de fora da comunidade receptora motivada no todo ou em parte por interesse em aspectos históricos, artísticos, científicos ou de estilo de vida e de herança oferecidos por uma comunidade, região, grupo ou instituição”.

No artigo **Turismo cultural e sustentabilidade**: uma relação possível? Os autores reforçam que, no âmbito do patrimônio imaterial, o turismo pode contribuir para o revigoramento dos saberes e fazeres populares e das tradições, ora por intermédio do aumento da visibilidade dos produtores culturais, ora pela valorização das manifestações artísticas locais. Outro fator a ser considerado no turismo cultural relaciona-se ao fortalecimento das identidades culturais e de práticas socioculturais específicas, impedindo, assim, o processo de desaparecimento.

Nessa mesma linha de pensamento, Sonia Maria de Mattos Lucas aponta que o Turismo Cultural tem sido uma ferramenta para a revitalização e uso sustentável do patrimônio, através de iniciativas empresariais e por intermédio de investimentos públicos e não governamentais.

A cultura figura como atrativo significativo para os turistas, especialmente para aqueles que buscam na apreciação do outro, um diferencial em relação às suas vivências habituais. Nessa linha de pensamento, Carneiro et. al. (2010 p. 8) aponta que “os entrelaçamentos dos bens construtores das identidades locais, regionais, ou nacionais, emergem no contexto turístico como elementos de atratividade, sugerindo uma discussão acerca das formas de difusão das culturas” e referindo-se ao seu aproveitamento como bem de consumo turístico. “O bem cultural é reconhecido como um lugar ou objeto de memória a ser desfrutado pelos cidadãos, assim como de realimentação do sentido de identidade e pertencimento social” (LUCAS [sd], p. 80).

Nesse contexto, conhecer a herança cultural reelaborada na cotidianidade de povos e comunidades específicos, através de suas diversas formas de representações, constitui-se um viés integrador. Carneiro et. al. (2010 p. 20) acrescenta que “os incentivadores turísticos devem impulsionar os visitantes a direcionarem seu olhar para os pequenos fatos do cotidiano, para as lendas que povoam o imaginário popular, para as manifestações da cultura local e regional”, presente nos lugares. Para isso, entra em a trova, como elemento integrador,

aproximando o visitante do povo local, fazendo com que este não seja mero expectador, mas, sim, um participante ativo da cultura e do cotidiano do local.

2.5.1 Turismo e História: viajando pelos trilhos de Santa Maria

O município de Santa Maria também chamada de “Santa Maria da Boca do Monte”, o sobrenome de Boca do Monte tem origem na língua tape, significando “boca do mato” (caá-yura). Outra variante, mais simplificada e popularizada de Santa Maria da Boca do Monte, é por situar-se em uma região cercada por morros. Esta moldura verdejante do entorno urbano sempre mereceu admiração dos moradores, mas principalmente de antigos cronistas, viajantes, botânicos e naturalistas que passaram pelo Rio Grande do Sul e por Santa Maria (CIÊNCIA & AMBIENTE, 2009).

Embora, segundo a historiografia do município, a origem do sobrenome da cidade não esteja associada à paisagem dos morros, sua representatividade encontra lugar no imaginário dos cidadãos e daqueles que visitam a cidade.

Uma das características mais importantes da identidade territorial e que corresponde ao mesmo tempo a uma característica geral da identidade é que “ela recorre a uma dimensão histórica do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência condense a memória do grupo, tal como ocorre deliberadamente nos chamados monumentos históricos nacionais” (BEZERRA apud ARAUJO; HAESBAERTH, 2007, p. 74).

O município de Santa Maria⁸, situado na região central do Rio Grande do Sul, possui sua origem a partir de um acampamento de bandeirantes, que se fixou sobre o arroio de Santa Maria, com o intuito de demarcar os limites entre as terras de domínio português e espanhol. Através do Tratado de Santo Ildefonso, fazendo com que os portugueses colonizassem o sul do Brasil para manter o domínio. Para tanto, foi organizado o acampamento militar que viria a auxiliar nos trabalhos demarcatórios, durando cerca de treze anos para ser concluído.

O acampamento acabou virando um povoado e serviu de parada para os tropeiros que buscavam gado selvagem e os vendiam. A iniciativa de construir uma pequena capela, mais habitantes passou a vir para a região e se estabelecer. O local ficou conhecido como Rincão de Santa Maria, pertencente ao Padre Ambrósio José de Freitas.

⁸ Disponível em: CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE SANTA MARIA. Santa Maria, Cidade Cultura. Santa Maria: Pallotti, 2003. 136p.

A toponímia das vias de hoje da cidade, possuem, por exemplo, como no caso da Rua do Acampamento, origens neste relato. Percebe-se, assim, que, desde os tempos mais remotos da história do município, por sua localização próxima a fronteira do que viria a ser o Uruguai e a Argentina, a presença militar em Santa Maria tornou-se permanente, fornecendo destacamentos, servindo como ponto de passagem de tropas, e de quartel-general para o exército (RIBEIRO; WEBER, 2012). A cidade, com o passar dos anos, foi ganhando mais unidades militares, hospitais, pavilhões de apoio para armazenagem e treinamentos, e um parque da aviação, que posteriormente, veio a ser a Base Aérea em Santa Maria.

A presença militar no território de Santa Maria tem respaldo no processo histórico-geográfico, que determinou sua origem (RIBEIRO; WEBER, 2012).

Hoje Santa Maria se organiza para se tornar referência internacional em defesa militar. Além de ter o segundo maior contingente do país, a Guarnição Federal sediada na cidade tem o maior efetivo de combatentes, tornou-se a capital de blindados e está construindo um dos mais avançados centros de simulação do Planeta (A RAZÃO, 2013).

No século XX, o militarismo foi intenso na cidade, com criação do quartel da 3ª Brigada Estratégica em 1908, do 7º Regimento de Infantaria em 1913, do Hospital Militar de Santa Maria em 1919, do Parque de Aviação em 1921 e do 5º Regimento de Artilharia Montada em 1925. O Regimento de Artilharia exerceu fortemente sua função militar, com concentração de contingente militar e participação em diversas batalhas nas guerras, também se transferiu oficialmente para Santa Maria em 1925, mantendo-se no mesmo local, o bairro Passo da Areia. Com a Segunda Guerra Mundial, Santa Maria recebeu novas unidades de outras partes do país, como a 4ª Companhia Especial de Manutenção, o 3º Batalhão de Carros de Combate, o Campo de Instrução do Exército, todos em 1956 e o Parque Regional de Motomecanização em 1959. Como se vê, a área territorial de Santa Maria está legivelmente identificada com um passado, um presente e um futuro ligado às tradições e culturas militares. A cidade então ganhou um museu que preserva essa memória, chamado Museu Memorial Mallet.

2.5.1.1 Museu Memorial Mallet

Com a chegada dos restos mortais do Marechal Emílio Luiz Mallet, Patrono da Arma de Artilharia do Exército Brasileiro, e de sua esposa, deu-se em 1995 o início ao Memorial

Mallet⁹. Através da Portaria nº 258, de 02 de maio de 1996, onde foi criado oficialmente o Memorial Mallet, objetivando abrigar a história da Arma de Artilharia. Hoje, o Memorial Marechal Mallet conta com parte da história da participação Brasileira na 2ª Guerra Mundial, da história do Exército Brasileiro e da evolução da artilharia, além da história do Regimento Mallet e seus feitos históricos. O Memorial é composto por um Museu, com armamentos, imagens e objetos históricos, um Museu a Céu Aberto, com materiais de Artilharia, um Carro Ferroviário e o Mausoléu. Apresenta de forma clara e cronológica a história do Regimento Mallet e da Artilharia, através de fotografias e armamentos, retratando a história brasileira a partir da Revolução Farroupilha.

Também, na sua origem, está a implementação do principal entroncamento ferroviário do sul do país (COSTA BEBER, 1998). O passo inicial foi dado em 1885, com a primeira estrada de ferro, ligando Porto Alegre a Santa Maria. A estrada de ferro trouxe um crescimento econômico e cultural para o Município de Santa Maria, favorecendo a implantação de uma rede de hotéis e o aumento das atividades econômicas, dado pela abertura de empórios comerciais e depósitos de produtos agrícolas e pastoris de larga escala. Com isso, a cidade passou a ser passagem obrigatória das praças comerciais da fronteira e da região serrana com a de Porto Alegre.

2.5.1.2 *Estação Ferroviária de Santa Maria – Gare*

A edificação da Estação Férrea¹⁰ de Santa Maria localiza-se no final da Avenida Rio Branco, importante avenida que corta a cidade e uma das mais antigas onde é possível encontrar parte do patrimônio histórico da cidade. A história da ferrovia começa com Ernesto Becker, o qual doa o terreno para a construção da Estação Férrea. Que teve sua inauguração em 1885 pela E. F. Porto Alegre Uruguaiana, embora o pesquisador Antônio Isaia aponte o ano de 1900 como data da inauguração do prédio. O local, durante décadas, serviu de passagem para viajantes de todo o país. Sua importância se justificava por ter se tornado o maior complexo ferroviário do centro do Rio Grande do Sul. Em 1905 a empresa VFRGS passou a administrar a ferrovia. No começo da década de 1920, os trens iam até São Paulo, por onde grande parte da produção gaúcha era escoada. A cidade se desenvolveu no embalo

⁹ **Museu Memorial Mallet:** Disponível em: <<https://www.defesanet.com.br/ca/noticia/40959/Marechal-Emilio-Luiz-MALLET-Patrono-da-Artilharia-do-Exercito-Brasileiro/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

¹⁰ **Gare:** Disponível em: <<http://www.ipatrimonio.org/santa-maria-gare-da-viacao-ferrea/#!/map=38329&loc=-29.677666441936793,-53.80835361487305,17>>. Acesso em: 22 out.2021.

dos trens que passavam em direção à Argentina ou ao centro do país. Infelizmente, em 1923, o prédio da Estação pegou fogo.

Através desse sensível desenvolvimento foi realizada a construção da plataforma coberta para embarque e desembarque de passageiros. A Gare, como é conhecida há muitos anos, se tornou símbolo local, pois a partir de sua construção desencadeou-se o contexto social da cidade. No início do século XX, Santa Maria ostentava o título de “cidade ferroviária” (MAZZORANI et al., 2004). Este título não somente simbolizava a presença dos trilhos na cidade, como também do desenvolvimento econômico e social alcançado através da rede ferroviária.

No ano de 1913, foi criada a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (CCEVFRGS), cooperativa que criou a Casa de Saúde, centro de assistência médico-hospitalar para todos os funcionários. Nos 20 anos seguintes, à chegada da ferrovia, houve um aumento da população. A estação simbolizou uma época de fabuloso desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade, em que através da rede ferroviária e dos trens, chegavam e saíam mercadorias e pessoas, que enriqueceram o panorama da cidade: caixeiros-viajantes, representantes comerciais, cantores de ópera, artistas de teatro, homens de negócios, estudantes e militares.

2.5.1.3 Vila Belga

As edificações ou conjunto arquitetônico construído para abrigar os funcionários da companhia belga "Compagnie Auxiliare des Chamins de Fer au Brésil", que vieram para construir as ferrovias no interior do Rio Grande do Sul, projetada pelo engenheiro belga Gustave Wauthier e construída no período de 1901 a 1903 é denominada Vila Belga¹¹. As edificações, de forma geral, encontram-se bem conservadas e são consideradas patrimônio histórico e cultural do município de Santa Maria (lei municipal nº2983/88, de 6 de janeiro de 1988). Das oitenta residências originais, atualmente o conjunto conta com apenas setenta e nove, distribuídas em quatro ruas principais e cinco quadras. Além de serem de fácil acesso para visitação, tem tamb em atividades artísticas e o brique¹² da Vila Belga, que acontece no primeiro e terceiro domingos de cada mês, e comercializa artesanatos, discos, livros antigos,

¹¹ **Vila Belga:** Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Belga >. Acesso em: 06 jul. 2021.

¹² **Brique:** coleções de diversos e velhos objetos de artesanato ou arte, tais como antiguidades, bijuterias, móveis, vestuários, entre outros, bem como ao estabelecimento em que esses são comercializados. Trata-se de itens relativamente de baixo valor.

móveis e outros utensílios. Algumas das edificações remanescentes dessa era ferroviária encontram-se legíveis, enquanto outras, por estarem abandonadas, estejam em franco processo de deterioração, heranças memoriais já em desaparecimento. O patrimônio material imóvel, ainda legível, foi tombado a nível estadual. A estação férrea, por exemplo, foi tombada em nível Municipal e Estadual (2002). Em 2007, o prédio foi finalmente restaurado pela Prefeitura Municipal. A Gare reúne o patrimônio material composto de bens edificados, e também o imaterial como saberes e fazeres, que estão presentes no inconsciente coletivo de Santa Maria.

2.5.1.4 *Monumento ao Ferroviário*

Inaugurado em 1932, o monumento¹³ modernista em homenagem aos ferroviários tornou-se um marco histórico da viação férrea. O governador da época, General José Antônio Flores da Cunha, quis homenagear os trabalhadores das estradas de ferro por sua participação na revolução de 1930. Está localizada no bairro Itararé, onde se encontra em pleno abandono, em um lugar de uma linda vista panorâmica da cidade, e que por falta de uma revitalização, e segurança no local, deixou de ser um atrativo turístico da cidade.

2.5.1.5 *Cidade Cultura*

A ligação entre os termos universidade e cultura, está associado à criação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), cujas diretrizes expõem a cultura como “fundamental à formação do indivíduo e à sua relação com a sociedade”. A designação “cultura” atribuída a Santa Maria refere-se ao conceito de cultura como “construção, como aquisição própria do ser humano em sua experiência existencial”. Esse fato diz respeito ao fato de a UFSM ser a primeira universidade federal criada no interior do Brasil, particularmente, “através das relações entre expoentes da comunidade universitária e as comunidades culturais do Brasil e do mundo” (SANTA MARIA CIDADE CULTURA, 2003, p. 84).

A Universidade Federal de Santa Maria foi fundada em 14 de dezembro de 1960, sob Lei Federal nº 3.834-C Art. 15, conjuntamente com a Universidade Federal de Goiás (ISAIA,

¹³ **Monumento ao ferroviário:** Disponível em: <http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/jjdrq;isad>. Acesso em: 04 jan. 2021.

2006, p. 136). José Mariano da Rocha Filho, que a idealizou, o fez a partir de sua experiência como líder estudantil na Faculdade de Medicina de Porto Alegre (atual Faculdade de Medicina da UFRGS), como professor universitário, e como diretor das Faculdades de Farmácia e Medicina de Santa Maria. Santa Maria destaca-se na interiorização do ensino superior sendo pioneira, com a construção da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) incentivando a descentralização dos investimentos federais (CAMPOS, 2015). É “a primeira Universidade Federal no interior do Brasil, em uma cidade que não fosse capital de estado: a Universidade de Santa Maria, ‘a Nova Universidade’, baseada no princípio de que a ‘Universidade deve ser a alavanca do progresso de sua região’” (ROCHA FILHO, 1993, p. 15).

2.5.1.6 Planetário

Inaugurado em 14 de dezembro de 1971, pelo reitor fundador da Universidade Federal de Santa Maria, Prof. José Mariano da Rocha Filho. A UFSM foi a primeira Universidade Brasileira a possuir um Planetário ¹⁴no seu campus universitário. O Planetário foi idealizado para que se possa reproduzir o céu, visando à educação complementar, o enriquecimento da cultura científica e intelectual de seus visitantes, desenvolvendo a consciência visual, facilitando o entendimento da astronomia.

Podem-se fazer agendamentos de sessões pelo site do planetário e, assim, visitá-lo e se encantar com essa viagem pelo universo. Dentre fotos, cenários, vale reiterar a aprendizagem, através de projeções como: **Stellarium, Do Big Bang ao Sistema Solar, História da Astronomia e Instrumentos Observacionais Do Ponto de Vista da Terra, Astronomia Moderna, Exploração Espacial.**

Também conta com outras apresentações de filmes, para observação e compreensão do Universo, entre os quais se destacam: **As estrelas dos faraós, Multimídia show da Imaginarium, Em Maravilhas do universo.** Para as crianças, há **o mundo virtual de Arthur**, que fala de um garoto chamado Arthur, que, através da sua imaginação e curiosidade, viaja pelo espaço, observando algumas galáxias e estrelas, explicando alguns mistérios da astronomia e do Universo.

¹⁴ **Planetário:** Disponível em: <<https://www.ufsm.br/orgaos-suplementares/planetario/sobre-o-planetario/>>
Acesso em: 03 ago. 2020.

2.5.1.7 *Relógio de sol equatorial e horizontal*

É um monumento composto por dois marcadores, um equatorial, em formato circular, e responsável por apresentar o correr das horas, a partir da projeção da sombra formada por um gnômon (haste que cruza o círculo); e outro horizontal, construído no solo, onde também é possível observar o passar das horas pela projeção das sombras. No local, entre os números 5 e 6 do marcador, foi afixada uma estrela de cinco pontas, comemorativa ao aniversário de fundação da Universidade, ocorrida em 14 de dezembro de 1960. Ela possui as iniciais do professor José Mariano da Rocha Filho, idealizador e fundador da UFSM. Todos os anos, às 14h30min do dia 14 de dezembro, a sombra do gnômon, incide sobre a estrela de cinco pontas. Exatamente o horário em que foi assinado, pelo então presidente Juscelino Kubitschek, o ato de criação da Universidade Federal de Santa Maria. Outra curiosidade, de acordo com arquivos do Planetário, é que o marcador horizontal tem sentido esotérico, “pois permite, quando observado do sul celeste, na passagem meridiana do solstício de inverno, a visão de um círculo com o ponto no centro, simbolizando Deus e os homens, todos iguais entre si”. Além disso, segundo os documentos, durante a passagem meridiana dos equinócios, o observador pode ver a representação de uma cruz projetada sobre o solo.

2.5.1.8 *Intihuatana*

É uma representação da pedra inca encontrada no ponto mais alto da cidade sagrada de Machu Picchu, no Peru. Intihuatana significa, no idioma quéchua, “onde se amarra o sol”. A pedra marca as estações do ano por meio da projeção de sombras na parte superior do monumento, o gnômon. A pedra inca permite determinar a passagem meridiana, instante em que os astros atingem a máxima altura. Também marca os equinócios, dias do ano em que dia e noite têm exatamente a mesma duração – início do outono e início da primavera. O relógio foi inaugurado durante as comemorações de 45 anos da UFSM e de 34 anos do Planetário.

2.5.1.9 *Relógio solar Tupi-Guarani*

Projetado pela equipe do Planetário, em comemoração ao aniversário de 50 anos da UFSM, o monólito¹⁵ é capaz de marcar os solstícios¹⁶, equinócios¹⁷ e passagens meridianas.

A representação encontrada no Parque do Tempo foi inspirada em um estudo desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), feito em 1991. Essa equipe analisou um monólito vertical, encontrado em um sítio arqueológico às margens do Rio Iguaçu, que tinha “quatro faces talhadas artificialmente, apontando para os quatro pontos cardeais Norte, Sul, Leste e Oeste. As duas faces menores apontavam na direção Norte-Sul e as maiores apontavam para a direção Leste-Oeste”, indicam os documentos de arquivo.

Além disso, de acordo com os registros, “ao entorno do monólito havia uma circunferência e alguns alinhamentos de rochas menores que, partindo dele, aparentemente indicavam os pontos cardeais e as direções do nascer e do pôr-do-sol nos solstícios e equinócios”. Na UFSM, o relógio de alvenaria tem 1,50 m de altura. As pedras de basalto, distribuídas ao redor do monólito, marcam as linhas Norte-Sul, Leste-Oeste, além do nascer e do pôr do sol, dos solstícios de verão e inverno.

2.5.1.10 *Jardim botânico*

O Jardim Botânico¹⁸ da UFSM foi fundado em 1981. Têm em seu acervo 349 espécies catalogadas, num total de aproximadamente 2500 indivíduos, distribuídas em 13 hectares. O jardim tem por missão ser um local privilegiado de conservação das espécies florestais nativas do Rio Grande do Sul, servindo como um centro de lazer para a comunidade em geral. É um espaço aberto, com entrada franca, onde se podem encontrar plantas aquáticas, exóticas medicinais e nativas, local belíssimo, podendo ser utilizado para estudos, contemplação e

¹⁵ **Monólito:** monumento ou obra constituída por um só bloco de pedra.

¹⁶ **Solstícios:** representa o momento em que o Sol, ao longo de seu movimento aparente, atinge maior declinação em latitude em relação à linha do Equador. Isso faz com que um dos hemisférios receba maior incidência de raios solares.

¹⁷ **Equinócios:** é quando o dia e a noite tem a mesma duração. Ocorrem quando o sol está diretamente sobre a linha do equador.

¹⁸ **Jardim Botânico:** Disponível em: <<https://www.ufsm.br/orgaos-suplementares/planetario/sobre-o-planetario/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

contato com a Natureza. Possui um herbário onde se pode saber sobre a Medicina Natural, ervas e chás, e seu cultivo e utilização.

No centro da cidade, o turista encontrará vários atrativos, sendo que serão elencados os principais.

2.5.1.11 Teatro Treze de Maio

Inaugurado em 1890, possui arquitetura com estilo neoclássico. Já serviu como sede de um jornal, Fórum e Biblioteca Pública passando em 1992 por restaurações e adaptações do local. Foi construído com materiais reaproveitados da primeira catedral de Santa Maria, apresentando características neoclássicas e remetendo ao tempo áureo da cidade. O Teatrinho, como era conhecido, foi uma iniciativa de João Daudt Filho, que lançou sua campanha em prol de sua construção em setembro 1888. “O fato de ser construído com material originário da antiga igreja matriz lhe atribuiu um caráter ainda mais encantador, pois de um templo religioso passou a um templo artístico” (BATISTA; ROUBUSTE; BECKER, 2014, p. 40).

O prédio do Teatro Treze de Maio¹⁹ possui 2.120 metros quadrados de área construída, com características do estilo Neoclássico. Hoje o Teatro realiza apresentações de espetáculos teatrais, de danças, de música entre outros.

2.5.1.12 Museu Gama D' Eça

O Museu Gama D' Eça²⁰, possui um acervo impressionante de materiais didático paleontológico, arqueológico e histórico, contando um pouco da trajetória da UFSM. Incorporando ao seu acervo, em 1981, as peças do Museu Victor Bersani, pertencendo este a Sociedade União Caixeiros Viajantes, perfazendo um total de seis mil peças. O acervo contém objetos muito interessantes e raros, como o úmero²¹ e um crânio de Dinodontosaurus adulto encontrado na Cidade de Paraíso do Sul no ano de 2000. Tem uma mostra de insetos, exemplares de jequitiranabóia (cigarra com cabeça semelhante à de uma cobra), barata d'água, formiga-leão, esperança, bicho-pau e besouros. Destacam-se, portanto, a exposição de

¹⁹ **Teatro Treze de Maio:** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro_Treze_de_Maio/>. Acesso em: 11 set. 2020.

²⁰ **Museu Gama D' Eça:** Disponível em:< <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/museu-gama-deca/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

²¹ **Úmero:** osso longo.

entomologia²², com ênfase em borboletas da região de Santa Maria, moedas antigas, materiais arqueológicos, equipamentos antigos e os ossos de dinossauros, que encantam as crianças. Reúnem também moedas e cédulas antigas e raras, animais empalhados - pássaros. Cobras, tatu, pavão e outros, Material arqueológico indígena, como utensílios em cerâmica, cachimbos e um machado em pedra polida, consultório odontológico antigo e Instrumentos Musicais.

2.5.1.13 Museu Vicente Pallotti

Possuem milhares de peças, classificadas em diversas seções como: mineralogia, arqueologia, paleontologia, zoologia, iconografia²³, botânica, material bélico, antiguidades, muita arte e a cultura indígena. O Museu Vicente Pallotti²⁴ é uma instituição de caráter cultural, mantido pela Sociedade Vicente Pallotti, dos Padres e Irmãos Palotinos, da Província Nossa Senhora Conquistadora, e tem por missão coletar, pesquisar e preservar os testemunhos materiais do homem e ambiente. O objetivo do acervo é possibilitar um serviço à comunidade, para fins de conhecimento, estudo e reflexão. Fundado em janeiro de 1935, em Vale Vêneto/RS, pelos padres Palotinos José Pivetta (1913-2001) e Valentim Zamberlam (1914-1998), o Museu Vicente Pallotti busca melhor atender ao público visitante, sendo um dos mais importantes Museus do Estado do Rio Grande do Sul. É bastante eclético e inclui artes visuais, arqueologia, história natural, ciências naturais e história. O espaço histórico conta com peças que constituem verdadeiras memórias vivas de nossos antepassados.

Com relíquias dos séculos XIX e XX, pode-se citar, por exemplo, equipamentos da imprensa, da indústria gráfica, de usos e costumes, mobiliários e ferramentas do universo do trabalho. Do mesmo modo, a coleção conta com objetos cerimoniais, que representam os ritos da Igreja Católica, equipamentos de comunicação, de medição, registro, observação e processamento. Além disso, peças de armaria, objetos pecuniários e, por fim não menos importante, os brinquedos peças que preservam memórias afetivas, bem como a própria infância de diversas gerações.

O acervo é formado por esculturas feitas em madeira policromada, na sua maioria imagens de santos, de figuras que compunham cenas sacras. Pode-se notar a presença

²² **Entomologia:** é a ciência responsável pelo estudo das características físicas, comportamentais e reprodutivas dos insetos.

²³ **Iconografia:** repertório de imagens próprio de uma obra, gênero de arte, artista ou período artístico.

²⁴ **Museu Vicente Pallotti:** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Vicente_Pallotti> Acesso em: 01 set. 2020.

indígena nos traços das esculturas, como feições de rosto, detalhes do cabelo e vestes. No cenário nacional, as esculturas barrocas missioneiras do Museu Vicente Pallotti ocupam um espaço de destaque, sendo que algumas das peças já fizeram parte de exposições no Brasil e no exterior. Há coleções de bens culturais, procedentes de escavações, prospecções e achados arqueológicos da cultura material dos Guaranis, população que vivia no território meridional do Brasil, onde hoje se encontra o Rio Grande do Sul. Segundo estimativas, entre o primeiro século da era cristã até o final das Reduções Missioneiras, no séc. XVIII.

No acervo destinado às ciências naturais, encontraram-se animais taxidermizados²⁵, composto por espécimes da fauna, composta por mamíferos reptéis, peixes entre outros, originários do sul e de outras regiões do Brasil. Um dos objetivos da coleção é difundir o conhecimento sobre a fauna e promover a sua conservação. O Museu Vicente Pallotti atua de forma importante, disponibilizando no acervo informações sobre os ecossistemas. O museu possui peças fósseis de grande importância científica, como vertebrados e plantas fósseis do Triássico (245-208 M.a), coletados a partir da década de 1960, pelo padre Daniel Cargnin, que abasteceu inúmeras coleções paleontológicas no RS.

2.5.1.14 Museu de Arte de Santa Maria (MASM)

O MASM²⁶ possui uma grande quantidade de obras de arte voltadas para diferentes poéticas, esculturas, pinturas, gravuras, cerâmicas, desenhos, instalações, fotografias, vídeos, enfim uma pluralidade de linguagens da arte contemporânea. O museu promove as artes visuais e a cultura popular, seu estudo e difusão se dão através de exposições temporárias e itinerantes. Além de dar visibilidade a obras de artistas santa-marienses, essa instituição museológica busca desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão nas áreas da arte, história, teoria e crítica de arte, educação e arte em museus. Incentiva também o intercâmbio cultural e científico com instituições afins, fomentando a produção contemporânea, através de exposições e mostras do próprio acervo deste museu.

²⁵ **Taxidermizados:** Esse é o nome técnico que se dá para a arte de empalhar animais.

²⁶ **MASM:** Disponível em:< <https://masmdigital.wixsite.com/masm>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

2.5.1.15 *Museu de Arte Sacra de Santa Maria*

O Museu de Arte Sacra²⁷, pertencente à Catedral Metropolitana de Santa Maria, está localizado nos fundos da catedral, na Avenida Rio Branco. O museu visa conservar, proteger, valorizar e reconhecer o patrimônio religioso da igreja católica. Seu acervo é composto por artefatos referentes ao ofício do sacerdócio e da religiosidade popular, além de fotografias referentes às personalidades políticas e eclesiásticas consideradas como agentes sociais da diocese de Santa Maria. As obras de arte de Aldo Locatelli e Emílio Sessa, localizadas no interior da Catedral, também são parte integrante do acervo do museu.

2.5.1.16 *Museu Diácono João Luiz Pozzobon*

O Diácono João Luiz Pozzobon, todos os dias fazia questão de ir a uma família para rezar o terço. Assim, começou com a Campanha da Mãe Peregrina visitando famílias, hospitais, escolas, presídios, fábricas, comércios, etc. Anos mais tarde ele afirmou que foi a Campanha da Mãe Peregrina que saciou aquela “saudade” do seu tempo de infância que durou mais de 36 anos. Ele afirmou: “No Santuário da Mãe e Rainha aconteceu minha grande descoberta. A bondade e a misericórdia de Deus e da Virgem Mãe e Rainha me confiaram uma grandiosa missão evangelizadora: a Campanha do Santo Terço. Entendi a missão e, por ela, fiz minha entrega total”. Por sua consagração e entrega filial à Mãe e Rainha, Sr. João se torna um verdadeiro missionário e apóstolo, sem descuidar em nada de sua própria família. É sua convicção que “quando algo é de Deus, algo divino, um homem sozinho pode mover o mundo”.

O trabalho de evangelização começou a expandir-se além das fronteiras da Arquidiocese de Santa Maria, alcançando os pampas do Rio Grande do Sul, lentamente conquistando o Brasil e tornando-se um meio de evangelização internacional.

A Casa Museu João Luiz Pozzobon²⁸ faz parte do turismo religioso da cidade de Santa Maria. Foi onde viveu o servo de Deus João Luiz Pozzobon, cujo processo de beatificação e canonização encontra-se em Roma desde 2009. Ele morou nesta casa de 1933 até 1985, vindo a falecer com 81 anos. Neste local, ele iniciou a “Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt”, que é conhecida no Brasil e em mais de 120 países.

²⁷ **Museu de Arte Sacra:** Disponível em: <<http://www.museudeartescrasm.com.br/>> Acesso em: 11 ago. 2021.

²⁸ **Museu Diácono João Luiz Pozzobon:** Disponível em: <<https://saojoaodopolesine.rs.gov.br/Noticias/Detalhes/1507/>> Acesso em: 02 maio 2020.

2.5.1.17 Santuário de Schoenstatt

Os Santuários de Schoenstatt²⁹ se espalham pelo mundo, sendo Maria venerada, como Rainha, Mãe e Vencedora Três Vezes Admirável: Três Vezes Admirável pela grandeza de sua posição junto a Deus Trindade, como Mãe de Deus, Mãe do Redentor e Mãe dos Remidos. A cidade de Santa Maria foi escolhida para ser sede do primeiro Santuário de Schoenstatt do Brasil, cuja inauguração ocorreu no dia 11 de abril de 1948. No Rio Grande do Sul, são cinco os santuários (Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre, Santo Ângelo e Itaara), e no Brasil, ao todo, são somente dezesseis. Foi de Santa Maria que partiu o Sr. João Luis Pozzobon, em 10 de setembro de 1950, desencadeando a Campanha da Mãe Peregrina, que se desenvolveu pelo Brasil e outros 40 países. Na Capela Tabor, estão às imagens de Jesus Cristo e da Mãe Três Vezes Admirável, em massa plástica realizada pela artista Irmã Cenira Biscaro.

2.5.1.18 A Romaria de Nossa Senhora Medianeira

A Romaria Estadual da Medianeira³⁰ acontece tradicionalmente no segundo domingo do mês de novembro, com saída em frente à Catedral Metropolitana de Santa Maria, Nossa Senhora da Conceição, onde os peregrinos reúnem-se para dar início ao trajeto. No Santuário Nossa Senhora da Medianeira é celebrado a missa campal. O ano de 1930 marcou início da procissão a Nossa Senhora da Medianeira, pois neste ano, a cidade de Santa Maria estava ameaçada por um confronto armado entre unidades militares e um grupo de 23 mulheres realizou uma caminhada pedindo a santa para que não houvesse o conflito.

Em 1935, Dom Antônio Reis colocou e benzeu a primeira pedra do Santuário. Em 25 de outubro de 1942, Nossa Senhora Medianeira foi proclamada Padroeira do Rio Grande do Sul, pelo Arcebispo Metropolitano, Dom João Becker. A partir de 1943 começaram as Romarias Estaduais e seguem até hoje, no Santuário Basílica de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.

²⁹ **Santuários de Schoenstatt:** Disponível em: < <https://schoenstatt.org.br/home/santuarios/santuاريو-paraquial/> > Acesso em: 18 set. 2020.

³⁰ **Romaria de Nossa Senhora Medianeira:** Disponível em: < <http://www.santuariomedianeira.com.br/content/home/default2.asp/> > Acesso em: 11 jan. 2021.

2.5.1.19 A Basílica Nossa Senhora da Medianeira

A Basílica dá nome à avenida e ao bairro onde está situada, além de ser o ponto final da Romaria da Medianeira. No ano de 1928, o Papa Pio XI concede à Diocese de Santa Maria o privilégio da Festa de Nossa Senhora da Medianeira. Em 1935, Dom Antônio Reis, o “Bispo da Medianeira” dava início à construção do Santuário, lançando a pedra fundamental. O projeto do Santuário foi feito por Emílio Zanon de Guaporé, RS. Os vitrais, pensados e executados por ele, representam motivos bíblicos marianos, bem como os principais marcos históricos da devoção da Medianeira em Santa Maria. O Altar-Mor é recoberto de madeira fossilizada proveniente do município de Mata. Ao centro do presbitério é vista a imagem de Deus Trindade, evidenciando o Cristo Ressuscitado. O Santuário foi inaugurado e dedicado liturgicamente no dia 15 de agosto de 1985.

2.5.1.20 Catedral Diocesana

Agrega elementos de vários momentos da história e arte, a exemplo do barroco e neoclássico. Em seu interior, são encontrados afrescos do renomado artista italiano Aldo Locatelli, apresentando como temática, Nossa Senhora Imaculada Conceição. Com imponência arquitetônica, pinturas internas do artista mencionado, a então Igreja a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, erguida na Avenida Rio Branca e inaugurada em dezembro de 1909 e que passou a ser a Catedral de Santa Maria³¹, também é igreja mãe da comunidade, A obra abriga o simbolismo e o início de uma trajetória de mais de cem anos.

2.5.1.21 Calçada Salvador Isaia

O Calçada Salvador Isaia, popularmente chamado de Calçada de Santa Maria, é a principal artéria comercial da cidade, transformada em rua para pedestres em 1974, é conhecida como o shopping a céu aberto, o lugar também serve de ponto de encontro dos santa-marienses, principalmente, para os públicos de jovens e idosos. Dentre os pontos comerciais destaca-se, a confeitaria Copacabana, que foi fundada em 1928 e sempre esteve

³¹ **Catedral Diocesana:** Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_Metropolitana_Nossa_Senhora_da_Imaculada_Concei%C3%A7%C3%A3o_\(Santa_Maria\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_Metropolitana_Nossa_Senhora_da_Imaculada_Concei%C3%A7%C3%A3o_(Santa_Maria))>. Acesso em: 29 fev. 2021.

localizada no chamado calçadão de Santa Maria, é uma confeitaria tradicional que se mantém como um negócio familiar servindo doces e salgados com receitas consagradas. Um dos doces mais famosos e consumidos na confeitaria é a massa folhada rosa³².

Ainda dentro deste contexto alimentício, não se pode esquecer que Santa Maria se tornou a “Cidade do Xis”, (tipo de lanche rápido, com variações, muito difundido em Santa Maria e Rio Grande do Sul por seu preço e valor calórico, devido ao público de estudantes que a cidade recebe). O Decreto Executivo Municipal de nº 053, de 19 de setembro de 2011 regulamenta a exploração do comércio de lanches rápidos nas vias e logradouros públicos na área do município de Santa Maria, a Prefeitura Municipal, a fim de qualificar e adequar o serviço prestado bem como a regulamentação dos empreendedores, criou o selo de qualidade “Santa Maria Cidade do Xis”.

2.5.1.22 Praça Saldanha Marinho

Principal praça³³ da cidade de Santa Maria localiza-se na zona histórica da cidade, próxima a outros importantes logradouros, Rua do Acampamento, Avenida Rio Branco e o Calçadão Salvador Isaia. No início de sua história foi denominada de Praça Conceição ou Capelinha, e, em 17 de novembro de 1837, foi denominada Praça da Matriz. No início do século XX, em homenagem ao engenheiro Joaquim Saldanha Marinho Filho, da Inspetoria Geral de Terras e Colonização, a Praça recebeu o nome que ainda hoje ostenta.

A Praça sempre serviu como palco para eventos especiais, como comícios políticos, manifestações políticas, eventos culturais como a Feira do Livro, entre outros. Antigamente, abrigava o carnaval com as Batalhas de Flores, em 1909, foi edificado a Casa de Chopp, um quiosque de madeira, onde serviam a bebida encanada até 1922, quando foi destruído por um incêndio.

No ano de 1923, foi construído outro quiosque sextavado para fins comerciais, como a venda de jornais e flores. Em 1933, a praça sofreu intervenções significativas, nas quais se estabeleceu um coreto, com um chafariz no lugar em que se encontrava o quiosque. Atualmente, a praça segue abrigando eventos culturais, em especial a Feira do Livro e o evento de Natal, chamado Natal do Coração, que ocorrem todos os anos.

³² **Massa folhada Rosa:** Doce com recheio de creme branco suave entre massa crocante do tipo “mil folhas”, é finalizada por um glacê consistente e rosada.

³³ **Praça Saldanha Marinho:** Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9402>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

2.5.1.23 Parque Itaimbé

O Parque Itaimbé³⁴ encontra-se no Centro da cidade, que tem uma área verde, muito importante para a região central do município, pois é um espaço de referência em termos de lazer contemplativo e cultural, práticas esportivas, convivência da população, recreação infantil. O Parque Itaimbé foi construído sobre o arroio Itaimbé, afluente do arroio Cadena. De acordo com (BENADUCE, 2007, p. 17), o parque é considerado áreas especiais, porque faz parte de “espaços, estabelecimentos ou instalações sujeitas à preservação ou a controle específico, tais como: monumentos históricos, mananciais de água, área de valor estratégico especial”.

O parque possui uma frequência de moradores locais que acorrem ao local para atividades esportivas, atividades culturais, como assistir concertos de música na concha acústica. Com o passar dos anos, o local começou a cair em abandono e sem a devida manutenção. Pode-se creditar esse abandono a falta de investimentos públicos durante um longo tempo.

A boa notícia é que, no dia 20 de junho de 2021, o parque começou a ser revitalizado e que o objetivo será a revitalização do entorno do chamado Bombril, espaço de apresentações, suas calçadas e o sistema de iluminação pública. Também, a construção de uma pista de esportes sobre rodas (para a prática de modalidades como skate, patins, etc), a revitalização de uma quadra poliesportiva, que ganhará nova pavimentação, nova pintura, tabelas para a prática de basquete, goleiras para futsal e postes para vôlei. Para a execução, serão investidos R\$ 464.970,35, sendo parte dos recursos de emenda parlamentar, além de verba específica do Ministério da Cidadania, e outra parte é de contrapartida do município.

2.5.1.24 Ponte sobre o Vale do Menino Deus (Garganta do Diabo)

Localizada na BR 158, entre Santa Maria e Itaara, distancia-se 12 km do centro da cidade. O Vale em “U” é originado de uma falha geológica, ou seja, a partir do desencontro de dois grandes blocos de rochas, característica marcante do Planalto Vulcânico.

Sobre esse Vale, na década de 50, foi construído um viaduto em curva, popularmente conhecido como “Garganta do Diabo”. A construção iniciou-se em 1957, e teve seu término

³⁴ **Parque Itaimbé:** Disponível em:
<http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/dx44q;isad/>
Acesso em: 20 abril 2021.

em 1962. A ponte possui 76 metros de altura e 10 pilares de sustentação. Foi considerada uma realização técnico-científica e também um atrativo turístico de grande dimensão e suntuosidade. É um local serpenteado por área verde onde podemos ter uma vista majestosa. A respeito da história do local, relatos de populares revelava a “Garganta do Diabo” como um local de difícil ocupação, o que foi comparado com algo próprio do diabo. Além disso, o local foi associado a suicídios e crimes. Com o intuito de desmistificar o mal, presente no nome popular, pelo bem, o legislativo municipal, na década de 90, do século XX, propôs a mudança do nome Ponte sobre o Vale da Garganta do Diabo para Ponte sobre o Vale do Menino Deus.³⁵

2.6 TURISMO NA REGIÃO: ATRATIVOS NATURAIS, RELIGIOSIDADE E GASTRONOMIA

Neste momento, acha-se oportuno mostrar, um pouco, dos lugares próximos de Santa Maria, cujas belezas naturais e patrimônio cultural e histórico também são imensos. Tem-se ciência que vários lugares não foram mencionados. A escolha recai novamente sobre os mais conhecidos e citados na trova. No entanto, a beleza em termos naturais, geológicos, culturais, gastronômicos, religiosos não cabe em versos ou páginas.

2.6.1 Itaara

Para se chegar ao município de Itaara, usa-se a BR 158. Situado a 19 km de Santa Maria, é um antigo distrito de Santa Maria que ficou caracterizado por casas de veraneio, clubes sociais e que com o tempo se tornou um município apropriado para quem busca descanso e contato com a natureza. “O seu nome significa “Pedra Alta” ou Altar de Pedra” (BELÉM, 2000). O município, apesar de pequeno, destaca-se pelas belezas naturais e pelos chamados veraneios, condomínios residenciais que foram criados com o uso dos clubes sociais como a SOCEPE (Sociedade Esportiva de Pesca). Assim como Santa Maria, a paisagem ferroviária faz parte da sua história, com a Estação do Pinhal, que ligava Santa Maria a Cruz Alta.

³⁵ **Ponte sobre o Vale do Menino Deus:** Disponível em: <<http://www.direito2.com.br/asen/2002/mai/8/ponte-no-rs-muda-de-vale-dos-diabospara-menino-deus>>. Acesso em: 15 set. 2020.

A paisagem ferroviária do Município de Itaara (RS) é composta por elementos históricos com marcas de sua colonização, possui muitas esferas que retratam as diversas etnias colonizadoras, sendo em patrimônio histórico, natural, artístico, arquitetônico e cultural, assim resgatando as origens dos povos colonizadores do Município (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAARA).

Infelizmente a Estação do Pinhal, com o término do transporte de passageiros e com a privatização pela América Latina Logística (ALL), está abandonada e desgastada pelo tempo.

Com relação ao turismo, é relevante abordar os locais de visitação voltados ao patrimônio histórico-cultural, como, por exemplo, o Cemitério Israelita e o Monumento Judaico, na colônia Philippon, local estabelecido pelo primeiro grupo de imigrantes judeus vindos para o Brasil. O monumento judaico, junto a BR-158, é marco histórico-cultural dessa colonização (1904-1916). O cemitério, próximo ao monumento, foi tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual em 1994.

Em Itaara, há também uma igreja de confissão luterana e cemitério germânico. Em 1885, foram encomendados na Alemanha os sinos para essa Igreja, que foi um feito, pois, até então, não era permitido erguer torres e templos não católicos. Estes sinos são considerados os primeiros sinos não católicos do Brasil. Voltado para a religiosidade, há também o Santuário de Schoenstatt, com uma pequena capela em estilo gótico, obedecendo ao estilo original da Alemanha. No altar de madeira, encontra-se a imagem da Mãe Três Vezes Admirável. Com referência católica, há ainda a capela Santo Antônio que:

[...] constitui-se em uma arquitetura religiosa. A Capela foi construída na mesma época do casarão da Vila Etelvina, em estilo belga, próximo à via férrea. Marco histórico dos primeiros católicos da região. Pequena capela católica com aproximadamente 200m². Possui a Imagem de Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio. Sobrado da Vila Etelvina construído aproximadamente a 100 anos, por Antônio Alves Ramos, português, que trabalhou na construção da estrada de ferro (CORRÊA; RODRIGUES, p. 350).

Outro atrativo que merece atenção é o Museu Internacional de Ufologia³⁶, que é o primeiro e único Museu de Ufologia da América Latina. O museu já recebeu mais de meio milhão de visitantes, conta com um observatório bioastronômico Cosmos, que foi inaugurado pelo primeiro astronauta Brasileiro Marcos Pontes e pelo presidente da agência espacial brasileira, Sr. Carlos Augusto Teixeira de Moura. O acervo detém os enigmas do Universo que encantam a todos que buscam respostas aos mais intrigantes questionamentos já inerentes ao Homem: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Essas incógnitas nutrem o

³⁶ **Museu Internacional de Ufologia:** Disponível em: <<https://www.guiadasartes.com.br/rio-grande-do-sul/itaara/museus/museu-internacional-de-ufologia-historia-e-ciencia-victor-mostajo>> Acesso em: 05 maio 2021.

Espírito Humano de uma possível certeza: a de não estarmos sozinhos no Universo. Lá o visitante é abduzido pelo conhecimento.

O Museu é pioneiro na musealização do Patrimônio Cultural Material e Imaterial relacionado à temática de vida extraterrestre, o que em seus objetivos está a preservação, o desenvolvimento de pesquisas e a divulgação do local. Com exposições permanentes, visando atrair turistas, há a *Mostra alien arte & design*, que conta com uma variada tipologia de seres extraterrestres; reproduções artísticas em busto, de 12 criaturas alienígenas constituindo um acervo museal inédito no Mundo; a primeira reprodução artística em (corpo inteiro) de um ser alienígena classificado como grey (cinzento) e reproduções artísticas (em maquetes) de 14 naves extraterrestres baseadas em fotografias, relatos e filmagens de supostos OVNI's, no Brasil e Mundo. No museu, há relatos curiosos de pessoas que supostamente tiveram contato com seres de outros planetas ou outras galáxias. Destacam-se: Caso Roswell – EUA, Casos de Artur Berlet e Antônio Nelso Tasca, que diz ter sido marcado por ET's e Caso Varginha, em Minas Gerais.

2.6.2 Rota da Quarta Colônia

O nome Quarta Colônia, antigamente chamado de Quarta Colônia de Imigração Italiana, foi resgatado nos anos 1990 em razão de ser essa a região onde ocorreu a quarta leva de imigração italiana no Rio Grande do Sul. O assentamento dos imigrantes italianos, que chegou ao Rio Grande do Sul no século XIX, segundo Sponchiato (1996), a partir de 1865, quando o Brasil passou a necessitar de mão de obra para trabalhar na agricultura, e Dom Pedro II deu início ao processo de colonização, cedendo terras devolutas aos imigrantes italianos.

Apesar da distância dos demais núcleos de imigração italiana, localizados na Região Nordeste do estado, a região central do Rio Grande do Sul apresentava boas condições para o cultivo de uva e fumo. Além de italianos, a região possui em sua formação as tradições indígenas, portuguesas, afrodescendentes além da leva de imigrantes italianos e alemães que pré-formaram os municípios da região que hoje se denomina de Quarta Colônia.

Uma região que possui um rico patrimônio material religioso, arqueológico e natural, além de imaterial, como as festas religiosas e outros eventos culturais étnicos que contribuem com a diversidade cultural da região.

Os municípios da Quarta Colônia, como aponta Eunice Piccin (2009 p. 87), possui na religião católica parte da paisagem, tanto como código material quanto imaterial. Como código material, há as inúmeras construções sacras e símbolos religiosos. “Como forma imaterial é perceptível via fé e devoção destes habitantes”.

O conceito de Quarta Colônia de Imigração Italiana foi remodelado com o passar dos anos, obtendo uma nova força com a criação do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia - CONDESUS, criado com os objetivos de integrar os municípios e projetá-los no cenário nacional, desenvolvendo o turismo e a economia local.

O CONDESUS é uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, cujo estatuto [...] previa abrir caminhos alternativos para executar ações, programas e projetos de interesse regional, fundamentados nos princípios da sustentabilidade dos recursos naturais e culturais da Quarta Colônia (BOLZAN, 2011, p. 262).

A quarta colônia compreende nove municípios, Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine, Agudo e Restinga Seca. Tendo em vista o desenvolvimento local, foi criado o projeto estratégico do Geoparque³⁷ da Quarta colônia Aspirante UNESCO, iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (PRE). Em seu site, há detalhes do projeto, que tem a finalidade de valorizar as belezas naturais dos locais, ou seja, as paisagens, os morros, cascatas, a abundância de água de seus rios e a raridade dos fósseis encontrados aliada à preservação da cultura. Sobre os municípios integrantes do Geoparque, foi elaborada uma cartilha impressa e online, desenvolvida por docentes e pesquisadores, servindo para divulgação do turismo e como material didático. Essas iniciativas visam preservar o patrimônio material e imaterial da região.

2.6.2.1 *Silveira Martins*

O primeiro município que compõem a rota é Silveira Martins³⁸, criada em 1877. Seu nome é uma homenagem ao senador do Império do Brasil e Presidente da Província do Rio Grande do Sul, Gaspar da Silveira Martins, que defendia o processo de imigração italiana para a Província. O povoado foi formado inicialmente por 70 famílias que subiram o Rio Jacuí até Rio Pardo, chegando a Val de Buia.

³⁷ **Geoparque:** Disponível em: <<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/geoparque-quarta-colonia>> Acesso em: 20 out. 2021.

³⁸ **Silveira Martins:** Disponível em: <<https://silveiramartins.rs.gov.br/>> Acesso em: 02 ago. 2021

O município nasce do desmembramento de terras dos municípios de Faxinal do Soturno e Santa Maria, em 1989. Possui sua economia baseada no setor primário, destacando-se o cultivo do arroz e da batata-inglesa e mais recentemente, a soja. Situada sobre a Serra de São Martinho, na Serra Geral, ou rebordo do Planalto, é uma das áreas de reserva de biosfera da Mata Atlântica no Estado, com clima subtropical úmido.

Os primeiros habitantes deste núcleo foram russos e alemães, que na sua grande maioria abandonaram a região por não se adaptarem às duras condições geográficas das encostas da Serra São Martinho. Este fato levou a direção da colônia a desviar levas de imigrantes italianos para povoar aquela região. Dessa forma, surgiu a Quarta Colônia de Imigração Italiana, chamada inicialmente de Città Nuova, depois Città Bianca e, mais tarde, de Silveira Martins. Segundo Aline Pegoraro (2013, p. 33),

A criação de uma colônia no centro da Serra, território pertencente a Santa Maria, é financiada pelo Império. Os engenheiros mediram aproximadamente 716 lotes coloniais com 22 hectares cada um, e ali implantaram a sede provisória que se chamaria “Colônia de Santa Maria da Boca do Monte” por pertencer ao município de Santa Maria da Boca do Monte. Mais tarde, vai ser rebatizada de “Città Nuova” e, em 25 de abril de 1884, é denominada “Colônia Silveira Martins”.

No centro de Silveira Martins, localizam-se, por exemplo, o Ristorante La Sorella, que serve comidas típicas de origem italiana, e o Fundo de Quintal Café, que se caracteriza como um café colonial. Já no interior do município, encontram-se vários atrativos voltados, principalmente para o turismo ecológico: Balneário Baggio Visentini, Família Gabbi, Mirante Pedra do Guerino, Família Piasentin, Balneário Recanto Agape, Capela São Vitor e Santa Corona, Sociedade Agrícola Esportiva e Recreativa Val Feltrina, o Mudario (venda de mudas) Belle Fiore, Cascata Mezzomo, Gruta Nossa Senhora de Fátima, Conjunto Histórico da Pompéia, Chácara Santa Eulália e Mirante Michelin. Ainda, pode-se percorrer o Caminho da Uva e das Águas, envolvendo as comunidades de Val de Buia e Val Feltrina, dando aos visitantes um contato com a natureza através das cascatas, balneários e belvederes onde são salientadas as belezas naturais dos morros e vales, com a possibilidade de visitar propriedades rurais caracterizadas pela tradição centenária de produção de uvas.

2.6.2.2 Nova Palma

Em Nova Palma³⁹, temos o Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, sobretudo para quem for descendente de italianos. O acervo possui mais de 50 mil nomes de imigrantes italianos, sendo referência para pesquisadores de todo o país e do Exterior e representa um belo trabalho de resgate das origens e da memória cultural do povo da região central do estado. O visitante terá à disposição cerca de 1630 sobrenomes italianos de imigrantes que, a partir de 1878, dirigiram-se para a Quarta Colônia. O responsável pelo acervo é o padre Luiz Sponchiado, da Paróquia de Nova Palma, que há mais de 50 anos se dedica à pesquisa das origens das famílias italianas da região.

A dedicação e curiosidade de padre Luiz Sponchiado o levaram a catalogar inúmeras informações que vão desde a árvore genealógica das famílias da região até a divisão dos lotes de terra, reunindo um levantamento que cobre mais de 50 mil famílias. Entre os documentos encontrados no acervo estão fotografias, passaportes de imigrantes, documentos de concessão de terras, carteiras de trabalho, recortes de jornais, livros, entre outros (MANFIO; BIASOLI, 2014, p. 715).

O Centro de Pesquisas Genealógicas - CPG foi inaugurado oficialmente em 1º de junho de 1984, ano do centenário de colonização das terras de Nova Palma. Além dos arquivos com as informações sobre os antepassados dos imigrantes, o Centro ainda conta com diversos outros documentos, como fotografias, livros, escritos, cronologias, gravações de vídeo e áudio. O CPG já recebeu pesquisadores da Itália, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Argentina e Uruguai. Na verdade, o CPG é

[...] um local de memória que luta contra a anamnese, ao significar uma busca ativa por uma identidade e rememoração da saga dos imigrantes e seus descendentes. Estas rememorações são lembranças associadas as memórias dos grupos e podem ser consideradas como um patrimônio cultural (CRUZ; KEMMERICH, 2019, p. 10).

Mesmo pertencendo oficialmente ao município de Júlio de Castilhos, vale conhecer o **Jardim das Esculturas**, atrativo cultural e exotérico em uma área de 70.000 m², localizado no distrito de São João dos Mellos, possui 600 esculturas em A chamada Rota das Esculturas, onde está à escultura feita em pedra arenito, esculpida pelo artista Rogério Bertoldo.

³⁹ **Nova Palma:** Disponível em: <<http://www.novapalma.rs.gov.br/o-municipio/turismo/pontos-turisticos-e-patrimonio-historico-cultural>> Acesso em: 23 jun. 2021.

2.6.2.3 *São João do Polêsine*

O município de São João do Polêsine ⁴⁰está situado na região central do Vale do Jacuí, a 45 km de Santa Maria. Foi emancipado no ano de 1992 e conta com dois locais bastante visitados: Vale Vêneto e Recanto Maestro. Protegido por um belo vale na tranquilidade do interior gaúcho, o município de São João do Polêsine nasceu da união da religiosidade e do passado dos imigrantes em lembrar as paisagens da Itália. Inicialmente foi chamado de Terra de Manoel Py e, com o passar dos anos, recebeu o nome de São João do Polêsine, sendo uma forma de agradecer ao padroeiro São João Batista pela boa acolhida na terra nova e manter viva a lembrança das planícies do Rio Pó, no norte da Itália.

O segmento do turismo religioso possui fluxos constantes no município, sobretudo na comunidade de Vale Vêneto, com a famosa Igreja consagrada ao Corpo de Deus, que é a única igreja de Corpus Christi da América Latina. Seus painéis sacros foram pintados pelo artista italiano Ângelo Lazzarini em 1957, o sino de bronze foi trazido da Itália. Santini (1986, p. 8), sobre a importância do sino, aponta que é “o grande instrumento de linguagem universal da vida dos imigrantes. Ele sintetiza e expressa a plenitude do acontecer humano”. Ainda Bolzan (2015, p. 146-147) corrobora ao falar que “a materialização da religião católica pode ser considerada como uma das formas mais significativas para se compreender a Quarta Colônia de Imigração Italiana por meio de sua identidade cultural”.

Na cidade, há a festa de Corpus Christi, celebrando o mistério da Eucaristia, ou seja, o Sacramento do Sangue e Corpo de Jesus Cristo em que se fazem os tapetes que cobrem o caminho ou via, feitos por pessoas da comunidade com serragem, flores e corantes naturais. Durante décadas, os Palotinos mantiveram ali um Seminário, onde a religiosidade se faz presente em sua paisagem bucólica e contemplativa que traz um convite a reflexão.

Ao lado da Igreja, está o monumento à polenta, homenagem a um prato de sobrevivência, preferido dos italianos quando chegaram às novas terras, consiste em farinha de milho mexida com água quente para se transformar em uma pasta, base da culinária imigrante que é servido como acompanhamento. Outro local de vistas está o calvário, construído em uma colina, no qual ao subi-lo, o visitante defronta-se com as 14 estações da crucificação de Jesus.

No inverno, em Vale Vêneto realiza no mês de julho, o Festival Internacional de Inverno, de música Clássica, onde ocorrem apresentações e recitais de virtuosos, estudantes e

⁴⁰ **São João do Polêsine:** Disponível em: https://saojoaodopolesine.rs.gov.br/Servicos/Turismo_Detalhes/606> Acesso em: 10 fev. 2020.

professores de vários países. O Festival Internacional de Inverno possui sua origem na Universidade Federal de Santa Maria através do Departamento de Música, desde 1986. Trata-se de uma parceria entre a UFSM e comunidade local com a colaboração da Universidade da Georgia, dos Estados Unidos. Dentre os objetivos traçados, está a possibilidade de desenvolver e aperfeiçoar a atividade musical, com a participação de alunos da região e de vários países. Esse festival acontece em conjunto com a Semana Cultural Italiana, com a ideia de celebrar a cultura dos seus antepassados, com comercialização de produtos italianos, jantares com comidas típicas e apresentações artísticas. Para os moradores, esse momento é resgate das origens e celebração da memória dos antepassados, unindo à musicalidade do festival.

Vale Vêneto possui um museu, do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo - MIEM, fundado em 1975, que está localizado no prédio da Casa Paroquial de Vale Vêneto. Conta com um acervo de dez mil artefatos, doados pela comunidade, referentes ao cotidiano das famílias italianas desde o período da imigração no Século XIX.

Foi no ano de 2012 que o Museu foi oficializado, constituindo-se legalmente como um departamento (órgão administrativo) da AVE, sendo esta uma Associação Civil sem fins lucrativos. Nessa oportunidade, o museu passou a ser denominado “Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo”, em homenagem ao seu fundador (FOLETTTO, 2019, p. 46).

O MIEM não é um depósito de artefatos dos mais diversos, mas, sim, uma forma de resguardar a história oriunda dos antepassados mostrando suas dificuldades e lutas ao longo dos tempos. Como bem ressaltam Pedrazzi e Pivetta (2019), no artigo “O museu do imigrante italiano da quarta colônia: uma reflexão sobre sua trajetória” traz uma história que foi construída pelos descendentes de imigrantes italianos que materializaram a memória dos seus pais e avós para que ela não seja esquecida. Assim, manter a cultura italiana do imigrante “é uma forma de rememorar a identidade individual e social daquele povo” (p. 127).

Outro centro de pesquisa que possui relevância na região é o Centro de Apoio à Pesquisa Paleontológica da Quarta Colônia – CAPP, criado em 2013 com parceria da Universidade Federal de Santa Maria que possui como objetivo dar suporte à pesquisa paleontológica na região da Quarta Colônia, (municípios de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Restinga Seca, São João do Polêsine, Ivorá, Silveira Martins, Nova Palma e Pinhal Grande). Com espaço para a pesquisa, reserva de acervos fósseis e visitação, o Centro abriga exposições dos fósseis encontrados na região, como testemunho direto da vida pretérita no planeta, além de fornecer evidências sobre a evolução dos organismos.

Seguindo a rota, encontramos o Recanto do Maestro, segundo os moradores, vem da ideia de ser um local voltado para a educação, ou seja, um recanto do Brasil que ensina que é *maestro*. Desde 2003, o Recanto Maestro é um distrito localizado nos municípios de São João do Polêsine e Restinga Seca. Ele é fruto de um projeto visionário de um italiano, Antônio Meneghetti, filósofo, teólogo e artista italiano que teve entre suas principais realizações a criação da ontopsicologia⁴¹.

O ecoturismo tem sido desenvolvido na região do vale central, e, outros segmentos como o turismo cultural, de eventos o que tem atraído investimentos em estabelecimentos como restaurantes e hotéis na localidade do Recanto, por sua localização como caminho a fronteira com o Uruguai. O local possui uma arquitetura baseada na chamada OntoArte, que é uma corrente artística e filosófica que nasceu na Itália em 1984.

No condomínio Águas Claras, encontra-se a Vinícola Opera Viva, aberta à visitação, cursos e degustação. Nesse segmento, a vinícola Domus Mea que investe na produção de vinhos de alta qualidade, tanto brancos como espumantes, inseridos no conceito de “vinícola boutique” e focando em vinhos leves, muito minerais e com aromas diferentes dos normalmente encontrados na América do Sul. Respeitando as origens italianas, os cardápios dos restaurantes, seguem a tradição local, um exemplo, é a rede Di Paolo de Caxias do Sul que abriu um dos seus restaurantes.

Outro estabelecimento inaugurado em 2021 foi o parque Termas Romanas, com águas termais e espaços de intenso contato com a natureza. Esse espaço foi projetado para integrar o turismo com as belezas naturais da região, possuindo uma área aproximadamente de 150 hectares. É o único parque termal no Brasil com águas naturalmente salgadas.

Reitera-se que há muitos outros atrativos turísticos que não foram mencionados, mas que o turista poderá conhecer, sobretudo voltados para o meio ambiente, aproveitando o relevo, as grutas, cachoeiras e belezas naturais e agricultura familiar, voltada a agroecologia e turismo sustentável. No entanto, optou-se pelos mais conhecidos e pelos citados na trova.

2.7 A TROVA E SUA DIFUSÃO: DO VELHO AO NOVO CONTINENTE

O vocábulo trovador provém do latim e tem a conotação de *trobair*, derivado do verbo trobar, o qual tem o sentido de inventar, referindo-se, portanto, ao poeta. Diz-se que

⁴¹ **Ontopsicologia:** é uma ciência interdisciplinar e epistêmica cujo objetivo é a investigação e a demonstração da capacidade de conhecer o real de modo reversível, ou seja, com o processo formativo e reflexivo da consciência humana.

todo trovador é um poeta, mas isso nem sempre é verdade. Isto porque não são todos os poetas que sabem fazer o verso medido, ou seja, metrificado. A trova é composta de quatro versos setessilábicos, com rima e sentido completo. A Trova é uma forma poética milenar, originária da Península Ibérica, Nascida na Idade Média, ela era exclusivamente popular, feita pelo povo, os textos em forma de trova se popularizavam nos cantares da rua, nas serenatas, nos passeios, nas festas de casamento, etc.

A cultura trovadoresca refletia o panorama histórico daquele período: as Cruzadas, a luta contra os mouros, o feudalismo, o poder espiritual do clero. Na literatura, se desenvolveu no sul da França e em Portugal, com o movimento poético chamado Trovadorismo. Os poemas eram produzidos, para serem cantados por poetas e músicos, sendo os primeiros a serem publicados.

A partir do século XIII, a Trova começa a desenvolver-se com certo requinte, de forma mais aprimorada, mais bem-feita. Em “Cantigas de Santa Maria”, livro escrito pelo Rei Afonso X, de Castela, região da Espanha, no século XIII, encontramos mais de 200 refrãos com as características da nossa Trova. Eis um exemplo:

*Conhecidamente mostra
milagres Santa Maria
em aqueles que a chamam
de coração, noite e dia.*

No século XVI, encontramos trovas do poeta Luís Vaz de Camões, que é considerado um dos maiores poetas épicos. Camões escreveu o poema épico **Os Lusíadas**, que possui 1.102 estrofes e 8.816 versos. Assim, **Os Lusíadas** é um poema que possui 8.816 linhas e foi publicado em 1572. Apesar do sucesso de sua obra épica, Camões morreu na miséria em 1580. Seus poemas só foram publicados 15 anos após sua morte. Eis uma de suas Trovas, no esquema de rima "ABBA":

*Campos bem-aventurados
tornai-vos agora tristes,
que os dias em que me vistes
alegre, já são passados.*

A partir de Camões (Século XVI) até o Século XVIII, a trova ficou, praticamente, no obscurantismo. Somente por volta de 1815, através de uma coletânea de contos folclóricos alemães de Wilhein e Jacob Grimm foi que a trova reapareceu. Em 1859, havendo uma

publicação sobre trovas folclóricas, de Cecília Bohl, intitulada **Cuentos y Poesias Populares Andaluces**. Em 1867, veio a lume a coleção de **Trovas Portuguesas**, organizada por Teófilo Braga (1843-1924). Em 1883, foi lançado em Portugal, o livro **Cantos Populares do Brasil**, de autoria do sergipano Sílvio Romero. Em 1902, Antônio Correa de Oliveira publicou o livro **Cantigas**, o primeiro livro de Língua portuguesa inteiramente de trovas.

Os portugueses trouxeram a trova para o Brasil, que continuou com Anchieta, Gregório de Matos, Tomaz Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. A partir de 1950, surgiu um movimento cultural em torno da trova no Brasil, e chamou-se Trovismo. A palavra foi criada pelo poeta e político J. G. de Araújo Jorge e pelo escritor e historiador Eno Theodoro Wanke.

Em 1960, foram realizados, em Nova Friburgo, os Primeiros Jogos Florais, concursos de trovas, com sucesso, e a fundação oficial da União Brasileira de Trovadores no Rio de Janeiro. O nome escolhido lembra a Antiguidade Clássica, época em que se faziam competições literárias, em homenagem à deusa Flora, cujos vencedores ganhavam pedras preciosas com formato de flores. Na primeira edição, com o tema livre “amor”, o evento recebeu mais de 2000 trovas do Brasil e do exterior. O maior divulgador da trova, nesse período, foi o dentista Gilson de Castro, que usava o pseudônimo de Luiz Otávio. Ele deixou o seu nome inscrito nas páginas literárias desse país como o Príncipe dos Trovadores Brasileiros, pelo seu grandioso trabalho em prol da causa da trova. Posteriormente, em 1980, com a criação do Clube dos Trovadores Capixabas, o poeta Clério José Borges fez despontar o Neotrovismo, que veio a ser a renovação do movimento em torno da Trova no Brasil.

Outro lugar onde a trova se destacou, foi no estado do Paraná, sobretudo com Orlando Wozikosky. Ele foi um dos fundadores da União Brasileira de Trovadores (UBT) e teve dez livros de trovas publicados durante a vida, além de um de poemas e da participação em diversas antologias. Em suas obras, a paisagem paranaense teve função vital no início da escrita, assim como a influência familiar, pois a avó materna gostava muito de quadras populares e as declamava quando ele era pequeno. Considerado como “Príncipe dos Trovadores do Paraná”, Orlando Wozikosky foi membro do Conselho Nacional de Trovadores do Brasil, presidente de honra da UBT, parte da Academia de Letras José de Alencar, do Centro de Letras do Paraná e da Associação Profissional de Escritores do Paraná. Ocupou também a cadeira número 22 da Academia Paranaense de Poesia.

2.7.1 Menestréis, Trovadores e Jograis

Passeando pela longínqua Idade Média, onde os livros eram um privilégio de poucos, ou seja, daqueles que sabiam ler e podiam comprá-los. Nessa época, eles eram copiados a mão e, por isso, eram raríssimos e muito caros. Em um cenário marcado por desigualdades sociais e dominação da igreja católica, encontram-se as figuras dos poetas cantores, ou seja, dos menestréis, jograis e trovadores.

Os trovadores, menestréis e jograis estiveram presentes nas culturas francesa, espanhola e portuguesa. No entanto, foi ao norte de Portugal e na Galícia, que se destacaram. Tinham grande importância na vida do povo, pois falavam da cultura popular, dos acontecimentos e do amor, entre os muitos temas apresentados. Eram comuns, também, as competições entre eles, acompanhadas por instrumentos musicais, como a flauta, a viola, o alaúde e a rabeca (designação antiga do violino). Surgiram, então, as cantigas que eram poesias feitas para serem cantadas, onde o cantor dessas composições poéticas eram os jograis e menestréis, e o autor delas recebia o nome de trovador.

Para tanto, vale diferenciar os jograis, os menestréis e os trovadores. Inicia-se com os jograis, cujo termo vem do latim *jocularis*, que, por sua vez, deriva de *jocus* (“divertimento”). Eram cantores de origem popular, raramente compunham, limitando-se as composições dos trovadores. Muitas vezes, limitava-se a plagiar as canções dos trovadores. Viviam a serviço da nobreza e, por esta, eram criticados e tinham má reputação por utilizarem uma linguagem vulgar.

Os jograis eram classificados como plebeu da mais baixa escala, e tinha por profissão, a poesia. Não tendo recursos para ascender, o cavaleiro buscava sua subsistência de castelo em castelo. Com o passar dos anos, com o declínio do feudalismo e com o desaparecimento da vassalagem, eles sumiram e deram lugar aos trovadores. O convívio com os trovadores deu a alguns deles sabedoria para compor, porém nunca foram reconhecidos como trovadores.

O menestrel era considerado superior ao jogral por ter mais instrução e habilidade artística, mas era inferior ao trovador. Sabia tocar instrumentos e cantar. Menestrel vem do latim *ministerialis* (“encarregado de um serviço”). Dedicavam-se a “acompanhar um senhor e depender diretamente dele, algo que se tornou mais frequente no século XIII” (BITTENCOURT [sd] p. 7). Sobre os menestréis sobressaiam a responsabilidade de cantar para entreter o seu senhor e seus convidados.

Dos jograis e menestréis derivaram o *jongleur*, que é uma espécie de saltimbanco, vagabundo. Com uma vida itinerante, levavam a sua arte para diferentes lugares, buscando o

seu sustento. Eles eram pagos para cantar, sendo sua arte o seu trabalho. A Igreja os considerava torpes e os acusava de espalhar maus valores para a sociedade. Na corte, a figura do menestrel era um misto de músico, dançarino, dramaturgo, ator, palhaço e acrobata. Assim,

[...] sua ligação etimológica com ‘jogo’ diz bastante que o jongleur é um brincante itinerante. Herdeiro sem dúvida dos atores ambulantes da Antiguidade tardia, mas talvez também dos bardos celtas e germânicos, cantores de poema épico, o jongleur pode ter atividades as mais variadas: acrobata, expositor de animais, mímico, músico, dançarino, cantor (ZINK, p. 19).

No início, os menestréis estavam ligados a músicas sacras e se apresentavam só para a nobreza. Em Portugal, para os autores Eduardo Coelho, Jean-Pierre Silva, João Paulo Sousa, Ricardo Tavares (2011 p. 47), “os menestréis estiveram sempre ligados à música sacra. De notar que o título de menestrel nunca perdeu a sua honorabilidade, continuando a ser o título atribuído aos músicos da câmara real”.

No entanto, quando passaram a se apresentar nas tavernas, a nobreza não gostou e, então ficaram, malvistos. Com o refinamento das cortes, os menestréis foram sendo substituídos pelos trovadores. Por isso, tornaram-se errantes e passaram a entreter o povo. Foi assim que, nos vilarejos da época, aproveitavam a aglomeração das feiras, que normalmente aconteciam uma vez por semana, para se apresentarem e ganharem alguns trocados.

Conclui-se que os menestréis e jograis tiveram um importante papel na história da música, espalhando para o povo repertórios de dança e música, bem como ambos acabaram sendo substituídos pelos trovadores. Isso aconteceu, muito provavelmente, em decorrência das punições e proibições impostas pela Igreja e pela característica itinerante, chegando, muitas vezes, ser vistos como ladrões e vagabundos.

Pelo caráter errante, eles se espalharam por toda a Europa e chegaram a outros continentes, como a América. Segundo Luiz Nassif (2004), os menestréis chegaram à América do Sul por meio da península Ibérica. Parte criou tradição no Nordeste, parte no sul do continente, nos pampas, no interior da Argentina.

Por fim, o trovador era aquele que “encontrava as palavras certas”, isto é, sabia compor com arte. No final do século XI, nasceu na França, mais especificamente em Provença e se estendeu pela Europa, principalmente pela Alemanha, Itália e Espanha. A composição é caracterizada pelo acompanhamento do instrumento musical, sendo poesias mais rápidas e alegres. Assim, sabe-se que o trovador era um poeta ambulante, que cantava seus poemas ao som de instrumentos musicais, e contava os mais variados tipos de histórias, cantadas em versos rimados, como: lendas, aventuras, romances.

De acordo ALGERI e SIBIN (2021), a poesia trovadoresca era oral, contando com a presença de refrão e de um coro. Há também a presença das tensões e combates entre os participantes:

Um entoa um verso: atira-o, pedra, contra o ponto fraco do adversário; este se defende, contra-ataca com um novo verso que expõe publicamente as feridas do inimigo; a plateia assiste a esta sucessão de golpes e contragolpes, a esse “jogo partido” que por vezes termina com um vencedor e um vencido (BARROS, 2010, p. 5).

Portanto não se pode pensar nessas poesias medievais sem o acompanhamento musical. “As poesias nada mais são do que canções, versos cantados” ([sd] p. 3). A língua empregada era o galaico-português.

A poesia trovadoresca se apresenta em dois gêneros essenciais: o lírico-amoroso e o satírico. O primeiro expressava o eu lírico amoroso, bastante idolatrado e inacessível; o segundo ridiculariza os costumes da época, ou seja, trazia à tona os falsos valores morais. No poema amoroso, os trovadores se reportam sempre à exposição dos estados da alma, onde um jovem cavaleiro e o grande senhor duelavam pelo amor de uma linda dama, formando um trio amoroso. O jovem cavaleiro é representado pela figura do trovador, já a dama era uma mulher de alta linhagem, rica e casada com Senhor.

Quanto aos poemas satíricos, nestes meios, nas palavras de Barros (2011, p. 67-68):

Era comum que os trovadores duelassem poeticamente uns contra os outros, trazendo à tona tensões sociais e políticas de diversos tipos, e era comum que expressassem mais ou menos livremente suas críticas sociais, políticas, ou de qualquer outra ordem.

Também ressalta que, nos poemas satíricos, eram admitidas a presença de soldadeiras e jogralesas. O nome “soldadeira” originou-se do fato de que recebiam um soldo, isto é, eram remuneradas para cantar e dançar.

As cantigas satíricas apresentam um interesse principalmente histórico, uma vez que refletem uma imagem real da vida social, em particular da vida nas cortes, revelando detalhes da vida íntima da aristocracia, bem como dos trovadores, dos jograis, dos clérigos, das monjas, entre outros, e mostram a repercussão da reação pública em relação a certos fatos políticos (LOPES, 1994).

As produções poéticas implicavam uma estreita aliança entre a poesia, a música, o canto, a dança, daí o nome cantiga, sempre com acompanhamento musical, mais precisamente, instrumentos de corda como: viola, alaúde, harpa, saltério, entre outros. As cantigas eram escritas a mão e reunidas em livros conhecidos como Cancioneiros e retratam o

imaginário do povo português. Os três principais são o Cancioneiro da Ajuda com 310 cantigas, quase todas de amor, o Cancioneiro da Vaticana, com 1205 cantigas em todos os seus tipos, e o Cancioneiro da Biblioteca Nacional, contendo 1647 cantigas. Os trovadores mais famosos foram o rei Afonso X de Castela, conhecido como “o Sábio, cujo reinado coincide com a fase de máximo esplendor do Trovadorismo galego-português (OLIVEIRA, 2001, p. 178-179) e o rei D. Dinis de Portugal”.

No caso dos trovadores, eram, em geral, poetas compositores nobres, mas muitos eram filhos de criados do castelo, com ausência de remuneração. O destaque vai para o trovador Bernart de Ventadorn, que era filho de criados do castelo e tornou-se discípulo de seu mestre e protetor, o Visconde Eble III, também um grande trovador, que o instruiu na arte da composição. Teria composto a sua primeira canção para a mulher do Visconde, pela ousadia foi expulso do castelo. Bernart conheceu glória e prestígio em vida: muitos dos trovadores de seu tempo o citavam em suas canções e se basearam nas suas obras, traduzidas ou adaptadas, ainda na Idade Média, para várias outras línguas. Foi um grande viajante, frequentando várias cortes europeias e expandindo os horizontes da música na Idade Média. Os trovadores e menestréis sentiam-se atraídos pelo modo de vida livre dos jograis, que fugia das convenções da corte.

Avançando no tempo, percebe-se que toda essa herança cultural reflete até hoje nas manifestações musicais existentes na Europa, como, por exemplo, nos diversos festivais de tunas. De acordo com os autores portugueses Eduardo Coelho, Jean-Pierre Silva, João Paulo Sousa, Ricardo Tavares (2011, p. 48), a tuna é semelhante ao jogral:

Assim, é o jogral, nas suas formas mais inferiores, nomeadamente o clérigo/escolar-jogral e o cazurro, na altura em que se perde nas ruas nauseabundas dos burgos medievais, quem mais contribui para o “caldo de cultura”, para a “mistela genealógica”, onde também encontramos o estudante boémio e tangedor, que adoptará mais tarde o modo de vida do tuno, propriamente dito.

Independente da origem, o legado medieval foi adaptado para a realidade do século XX e é importante relatar que são vários os festivais por toda Europa, com grupos de alunos de universidades, de vários cursos, e países, que se juntam para cantar e tocar instrumentos, nas ruas, em festivais e participarem de comemorações e serenatas. Há relatos de tocarem até dentro da água na praia. “O boom tunantino das décadas de 1980-1990 não encontra equivalente em nenhum outro fenómeno português da época, embora o possamos comparar à proliferação europeia de confrarias gastronómicas e báquicas” (COELHO; SILVA; SOUSA; TAVARES, 2011, p. 14).

Uma tuna é um agrupamento musical, definido por ser constituído por cordofones⁴² (sendo uma das várias denominações que identifica uma orquestra de plectro⁴³). O termo tuna designa o tipo de agrupamento instrumental que utiliza. Pode apresentar-se como um simples agrupamento instrumental (a sua primeira origem), bem como na versão canto e instrumento. A tuna pode ser de natureza popular ou de natureza estudantil (provindo das estudantinas do século XIX e inícios do XX), tocada sentada ou de pé.

As tunas de feição estudantil são apelidadas de Tunas Acadêmicas, ou universitárias (quando agrupam estudantes ligados a uma Universidade). A Tuna acadêmica diz respeito às formações compostas por estudantes do liceu (formações muito numerosas no século XIX e de que há registo até aos anos 60-70 do século XX). Marques (2019 p. 33), em sua tese de doutorado, faz um estudo histórico sobre as tunas portuguesas e explica que, em 1853, “a definição de ‘tuna’ incluiu pela primeira vez uma alusão aos universos estudantil e musical, sendo aditado ao significado de ‘vida holgazana, libre, ociosa y bagabunda’”. Posteriormente, em 1888, apareceu no dicionário espanhol “estudante de tuna”. Marques (2019) continua explicando que verbo tunar designava o ato de mendigar e pode-se estar associado às movimentações dos estudantes que, nas suas viagens a pé, pediam esmolas.

É fato que as **tunas acadêmicas** surgiram a mais cem anos, sendo, no início, exclusivas para homens, mas logo as mulheres conquistaram seu espaço nessa arte. Originada a partir da década de 1830, na Espanha, nascendo no meio popular sob a designação de “Estudiantinas”, por serem grupos carnavalescos que imitavam, no seu trajar, os estudantes. Os membros das tunas costumavam usar os trajes da universidade, ou seja, camisa social, gravata e uma longa capa preta. Apresentam canções portuguesas populares e divertidas, enaltecendo a cultura acadêmica e a herança histórica do país.

A tuna oriunda de Portugal também se fez presente nos países de imigração e colonização portuguesa. Há, por exemplo, registros de que a tuna chegou ao Brasil no início do século XX. É o caso da tuna luso-brasileira, fundada em 1903. Ainda, no Brasil, de acordo com os autores Eduardo Coelho, Jean-Pierre Silva, João Paulo Sousa, Ricardo Tavares (2011) encontra-se o registo da Tuna do Orfeon Português do Brasil em 1923.

O repertório musical das tunas é extremamente variado, indo desde adaptações de temas de autor, passando pela música erudita, pela música popular, até composições originais

⁴² **Cordofones:** Instrumento cujo som é produzido pela vibração de uma ou mais cordas esticadas entre dois pontos fixos.

⁴³ **Orquestra de plectro:** é a orquestra Portuguesa de guitarras e bandolins.

cuja temática incide essencialmente na vida boémia estudantil, na celebração do amor, mantendo afinidades temáticas com o fado (estilo musical Português).

Atualmente existem vários festivais de tunas, como o *Festival Internacional de Tunas da FAN-Farra Académica de Coimbra*, fundada em 7 de novembro de 1987 e com três álbuns editados. Para Diego Tomé, em artigo veiculado na Internet, é uma das tunas mais antigas do país e tem acompanhado a vida dos estudantes de Coimbra ao longo das últimas décadas. Formado, essencialmente, por estudantes, que participam de festivais não só em Portugal, como também no estrangeiro, o grupo vem crescendo ao longo dos anos.

FAN-Farra tem vindo a crescer ao longo dos anos seguintes, culminando na realização de mais quatro edições do “Troador” e inúmeras edições do “Arraial do Carocha”, um convívio festivo que se tornou na recepção da FAN-Farra Académica de Coimbra aos estudantes universitários da cidade.

À medida que os membros mais antigos vão se formando e saindo de Coimbra, deixam o legado para que novos integrantes de modo que estes possam participar e conviver com a música e a poesia, não deixando que a tuna fique somente no passado ou nos livros.

Em 1989, foi institucionalizado o Encontro Internacional de Tunas, que fazia parte do programa cultural da Queima das Fitas e que veio dar lugar ao atual Festival Internacional de Tunas de Coimbra, a FESTUNA. Através do Festuna, estudantes e antigos estudantes de todas as idades e de ambos os sexos, das mais variadas academias mundiais, colombianas, espanholas, irlandesas, italianas, holandesas se encontravam e trocavam experiências. Nos Festivais de Tunas e Estudantinas, há competições sendo celebradas anualmente, em várias partes da América.

Além de legado português, na Holanda, por exemplo, existe um grupo de tuna, chamado de **Tuna Feminine de Eindhoven, La Tuniña**, que é um grupo de tuna, composto somente por mulheres. A Associação cultural La Tuniña, teve início em 1982, formada por estudantes, com uma grande paixão pela música espanhola na Província de Eindhoven. Para as integrantes, Atum é uma tradição estudantil espanhola, e elas viajam para Espanha, Portugal e para a América Latina, com o intuito de conhecermos outros grupos de atuns e ganhamos prêmios em competições.

Diante de toda essa diversidade de tunas e opiniões variadas sobre a sua origem, conclui-se que as manifestações atuais, tais como a trova no Brasil, podem ter sofrido influências dessas composições, porém sofreram adaptações em virtude da regionalização.

A trova também chegou dentro da bagagem dos colonizadores portugueses. De lá vieram militares, estudantes, intelectuais, literatos, poetas, enfim, um vasto contingente de

apreciadores de poesia. A trova, na verdade, é anterior à formação da língua portuguesa, aparecendo ainda em galego-português. E, no Sul, também recebeu influência dos *Hermanos*⁴⁴, cuja colonização espanhola também remete aos trovadores.

2.8 A TROVA VALORIZANDO A CULTURA POPULAR

A arte do improviso existe desde os tempos bíblicos. Os reis Davi e Salomão, foram grandes improvisadores, passando por Homero, na Grécia, e Camões e Bocage em Portugal. Os Estados da Região Nordeste e da Região Sul do Brasil possuem na cultura popular uma tradição de improvisadores de contar histórias.

Na região dos pampas, a trova gaúcha retrata a cultura do povo gaúcho. O Rio Grande do Sul sempre foi um berço de disputas militares, guerras e arranjos diplomáticos em uma área de conflitos desde o Século XVIII e XIX, e, portanto, a trova exalta, em seus versos, o passado glorioso. Assim, sua existência seria marcada “pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra” (OLIVEN, 1992, p. 50). Ele ainda diz que:

Trata-se de uma construção de identidade que exclui mais que inclui, deixando fora a metade do território sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais. Apesar do enfraquecimento da região sul do estado; da notável projeção econômica e política dos descendentes dos colonos de origem alemã e italiana que desenvolveram a Região Norte, da urbanização e da industrialização, o tipo representativo do Rio Grande do Sul continua a ser a figura do gaúcho da Campanha como teria existido no passado. (OLIVEN, 1992, p. 6).

A cultura dos povos, segundo Laraia (1997), é construída ao longo de processos históricos e materiais de um povo, através de suas inter-relações e modos de vida. Ruben George Oliven sustenta que o gauchismo busca uma identificação e uma diferenciação ao mesmo tempo. Identificação com a origem, com o centauro dos pampas, telúrico. “Seu amor a terra, fetichista, fanático. Esta devoção extremada vem de como foi difícil conquistar o chão aquém do Rio Uruguai” (BARCELOS, 1970, p. 129). E um desejo de afirmação da diferenciação – bem nítida em vários aspectos – dos brasileiros de outros estados. O gaúcho idealizado está presente na trova mais tradicional. “O contador (declamador) está atrelado ao

⁴⁴ **Hermanos**: referem-se aos irmãos, vizinhos argentinos.

processo histórico, não como historiador, mas, como indivíduo da coletividade, caracterizando o tom épico da poesia regionalista gaúcha” (OURIQUES, 2007, p. 78).

Na trova, dois ou mais trovadores criam versos de improviso acompanhados de gaita e/ou violão. Geralmente, o acompanhamento é tocado em tom maior. Como conta o historiador Manoelito Carlos Savaris, ao *Jornal Zero Hora*, ela “é uma forma de poema. Os tropeiros tocavam violas e cantavam e trovavam. Faziam, na verdade, um poema rimado sempre de improviso”. Foi muito popular na década de 1960 até meados dos anos 1980, quando os programas de auditório nas rádios propunham duelos entre trovadores. Os versos são feitos em conjuntos de seis, rimando o segundo com o quarto e o sexto versos. Gildo de Freitas e Teixeira ficaram conhecidos como trovadores pelo Brasil à fora.

Semelhante à trova, vale citar a pajada, que é também uma forma de poesia improvisada vigente na Argentina, no Uruguai, no sul do Brasil e no Chile. É uma forma de repente em estrofes de 10 versos, de redondilha maior e rima ABBAACDDC, com o acompanhamento de violão. No Brasil, as referências desta modalidade são dos gaúchos Jayme Caetano Braun e Paulo de Freitas Mendonça. A pajada, como bem ressalta (OURIQUE, 2009) é uma construção improvisada de um poema em décima de espinela. O pajador elabora suas poesias no cerne do movimento regionalista e nativista gaúcho, apropriando-se de uma filosofia campeira.

Nos séculos XVIII e XIX, as fronteiras no Sul eram indefinidas, os gaúchos cruzavam rios que se tornaram fronteiras e o atual Rio Grande do Sul era um território de disputas, ora espanhol, ora português. O gaúcho, tido como guerreiro sempre foi idolatrado, espécie de mito ancestral ou arquétipo tanto que o professor Luís Augusto Fischer (1993, p. 737) aponta que “a literatura gauchesca platina ocorreu da mesma forma (...), o mesmo gaúcho ocupou a cena que potencialmente poderia enquadrar o militar, não importa se do exército regular ou não”.

Segundo Paulo de Freitas Mendonça (2011), os pajadores atuais vivem em grandes cidades, apesar de serem geralmente oriundos de pequenas cidades do interior do Rio Grande do Sul. Representando várias regiões do estado, alguns até fora dele, influenciados pela pajada de Jayme Caetano Braun, e pela trova de Gildo de Freitas e seus seguidores.

Do mesmo tronco, brotam o trovador e o pajador. Retratando a identidade e a cultura de um povo, o gaúcho. A trova possui três estilos: Campeira (Mi Maior de Gavetão), Martelo e Estilo Gildo de Freitas.

2.8.1 A Trova no Rio Grande do Sul

Na cultura gaúcha, os trovadores fazem rimas e entoam os costumes campestres e a saudade do campo, das atividades rurais nos diversos eventos, como rodeios e festivais nativistas. Tanto o cordel como a trova valorizam a oralidade. Esta se “manifesta nos poemas para serem declamados, na divulgação e preservação de costumes que preservam o gaúcho e o sertanejo em suas identidades e características” (DAMASCENO, 2015, p. 8).

A trova inicialmente foi confundida com a quadra. A trova possui um poema de quatro versos setessilábicos com rima e sentido completo, enquanto que a quadra é formada por quatro linhas de uma poesia. Assim, não é verdade que quadra e trova sejam iguais, nem que a trova evoca mais os Trovadores da Provença Medieval e que a quadra seria uma forma de se fazer poesia mais moderna. A trova é uma composição poética e obedece às seguintes características:

- 1) Ser uma quadra. Ter quatro versos. Em poesia cada linha é denominada verso.
- 2) Cada verso deve ter sete sílabas poéticas. Cada verso deve ser setessilábico. As sílabas são contadas pelo som.
- 3) Ter sentido completo e independente. O autor da trova deve colocar nos quatro versos toda a sua ideia.
- 4) Ter rima. A rima poderá ser do primeiro verso com o terceiro e o segundo com o quarto, no esquema ABAB, ou ainda, somente do segundo com o quarto, no esquema ABCB. Existem trovas também nos esquemas de rimas ABBA e AABB.
- 5) A trova é um poema monotrófico, isto é, que contém apenas uma estrofe, com quatro versos heptassílabos (redondilha maior). A rima é obrigatória na trova, mas não é obrigatório haver um título. É comum os poetas se unirem em um desafio ou peleja, em forma de disputa, travada em versos e ao som de viola. Quando dois poetas declamam juntos, um vai desafiando o outro, e no improviso, vão criando as rimas.

Nesses entrelaçamentos dos bens construtores das identidades locais, regionais e nacionais, surge o contexto turístico e, sobretudo, o turismo cultural, que pressupõe turismo voltado para conhecimento da cultura, voltado para a educação e o aprendizado. O turismo cultural “deve ser visto pelos órgãos de preservação como um meio de arrecadar recursos para

a manutenção de lugares e manifestações, bem como um instrumento de informação ao público visitante” (GOODEY, 2002, p. 135).

Nos pampas, a trova ganha a conotação de canto de improviso e está tanto na cidade quanto nos galpões. É, sem dúvida, uma das mais expressivas manifestações da cultura espontânea do Rio Grande do Sul. O Trovador do Rio Grande do Sul, na parte do improviso, tem estilo próprio. Sua propagação se deu dos galpões das estâncias para a modernidade das cidades de hoje.

Do improviso, as tradições do Rio Grande do Sul são cantadas em estrofes, com rima e ritmo e, por vezes, em resposta a uma provocação. Elas foram disseminadas pelos tropeiros em suas andanças, tocando mulas, cavalos e gado. Para Oliven (1992 p. 49), “a posição geográfica do Rio Grande do Sul, por ser uma região de fronteira, as atividades econômicas que foram e ainda são desenvolvidas no Estado, além de outros elementos, que evocam um passado glorioso”, vão formar o gaúcho. E nessas representações, a natureza se faz presente. A trova ganha, então, a temática local, apresentando de certa forma características e peculiaridades particulares de cada local citado, trazendo ao público o conhecimento da cultura.

Inicialmente, o tradicionalismo tinha somente um tipo de trova, a *Mi Maior de Gavetão*, que era feita em sextilhas, ou seja, estrofes com seis versos cada. Depois, foram sendo criadas outras modalidades, como a *Pajada*, a *trova de Martelo* e a *Estilo Gildo de Freitas*. Vale lembrar que na Trova Pajada, destaca-se o improviso, com canto lento, semelhante a uma declamação, com estrofes de 10 versos. Já a *Trova de Martelo* mantém versos em sete sílabas poéticas, com rimas alternadas, acompanhada de uma vaneira ou de marcha. Por último, a *Trova Estilo Gildo de Freitas*, que recebeu esse nome em homenagem ao cantor. Nesse modelo, usa-se como inspiração a canção “Definição do Grito”, com os acordes do gaiteiro. O improviso é feito em torno dessa composição, cujas estrofes são de nove versos em sete sílabas poéticas, com rima no 2º, 4º, 6º e 9º versos e 7º e 8º entre si.

A sextilha, que já existia como forma declamatória, popularizou-se como expressão de repente principalmente a partir da década de 1930. Durante as comemorações do centenário da Revolução Farroupilha, em 1935, houve vários concursos de trovas, e o *Mi maior de gavetão* predominou quase absoluto, só cedendo alguns espaços mais recentemente, nos anos 1960, com a entrada em cena da “payada” e a popularização maior do improviso em ritmo de milonga – no qual Gildo de Freitas também era mestre e que passou a usar muito nos repentes em solo e nas canções, influenciando toda uma geração. Muitos o consideram o introdutor do

improvisado em ritmo de milonga no Rio Grande do Sul, absorvido em suas frequentes viagens e estadas pela região da Fronteira.

O repente mais ao estilo platino ganhou muitos adeptos por ser mais livre, tanto em termos de linha melódica como de estrutura do verso. Com ele, o improvisador escapa ao cerco hermético da sextilha de sete sílabas, de ter que defender um ataque e contra-atacar, tudo isso em seis versos. Na trova clássica, ele é obrigado a comprimir o pensamento. E aí se destaca a classe dos grandes, como Gildo.

A trova clássica tem suas regras, ou partes, bem definidas. O trovador começa com a saudação à plateia, seguida da saudação ao adversário, o “meu amigo e camarada”. Depois vem a trova de assunto, também chamada trova de competência, que abre espaço para o “puaço”, sem dúvida a parte que mais encanta o público. É quando os trovadores se transfiguram em galos de rinha, experimentando a força das “puas” um contra o outro e trocando muitas vezes os maiores insultos. Por um acordo tácito, só escapam das ofensas a mãe, a mulher e as filhas, mulheres muito próximas do trovador. Nem as irmãs escapam. A trova termina com a saudação de despedida à plateia, onde frequentemente, para mostrar que não é um ser agressivo, é até religioso, o trovador mete Nossa Senhora e Jesus Cristo no meio, eventualmente se desculpa por “algum exagero” e se despede prometendo voltar (Fonseca, 2020).

A trova faz parte da história do rádio e dos concursos de auditório, vale citar o famoso programa “Grande Rodeio Coringa” na década de 50. Posteriormente, ela difundiu-se, chegou ao CTG, ao Movimento Tradicionalista e ao dia a dia não só do gaúcho do campo, mas também do gaúcho citadino. Sapucaia do Sul, por exemplo, é conhecida como a capital da Trova, por possuir dois grandes concursos. Outras cidades também se destacam por promover eventos de trovas e incentivar o turismo: Cacequi, Alvorada, Caçapava do Sul, Esteio e Santo Antônio das Missões. Também existem concursos estaduais, como O repente estadual da trova campeira, realizado em Faxinal do Soturno, e Festival gaúcho de arte e tradição, realizado em Farroupilha.

2.8.2 O Centenário de Gildo de Freitas

“Me chamam de grosso, eu não tiro a razão;
 Eu reconheço a minha grossura;
 Mas, sei tratar a qualquer cidadão,
 até representa que eu tenho cultura;
*Eu aprendi na escola do mundo,
 Não fui falquejado em bancos colegiais;
 Eu não tive tempo de ser vagabundo,
 Porque quem trabalha vergonha não faz.*”

Em decorrência do centenário de Gildo de Freitas, ocorrido em 2019, decidiu-se fazer uma homenagem e contar um pouco da sua história. Ele foi um dos maiores nomes da música gaúcha e se tornou conhecido por ser um dos melhores trovadores de sua época, tanto que o

chamam até hoje “o Rei dos Trovadores”. Seu nome de batismo era Leovegildo José de Freitas, mas desde pequeno foi chamado de Gildo. Nascido na zona rural de Porto Alegre era filho de uma gaúcha com um castelhano. Aprendeu a tocar gaita de 8 baixos sozinho. Não completou o ensino primário, mas conhecia como poucos, a lida campeira, o que acabou por tornar uma das maiores fontes de sua inspiração. Ele sempre teve facilidade para compor sobre qualquer tema. Aos 18 anos, animava bailes em diversos locais da Região Metropolitana. Em 1944, começou a viajar e a ser reconhecido como trovador.

Em 1949, o trovador, já com fama em todo o Estado do Rio Grande do Sul. De 1953 a 1954, ficou famoso como trovador nos programas de rádio ao vivo, em Porto Alegre, ele e Teixeirinha tinham estilos parecidos e eram rivais só na música, pois na realidade havia uma grande amizade e respeito entre eles. Em 1956, Gildo foi a principal atração do Programa Grande Rodeio Coringa, nas noites de domingo, na Rádio Farroupilha. No início da década de 1960, o rádio começou a perder para a televisão. Gildo abandonou a arte para se dedicar à criação de suínos. No entanto, a música estava em seu sangue e, em 1963, foi a São Paulo gravar o seu primeiro disco, que só foi lançado em 1964. No ano de 1964 lançou o primeiro álbum, já com o sucesso “História dos Passarinhos”. Um ano mais tarde, lançou o segundo disco, “Vida de Camponês”. A música “Baile de Respeito” dá início à disputa com Teixeirinha, que retrucaria com “Baile de mais Respeito”. O entrevero entre a dupla teria sido uma estratégia para que ambos vendessem mais discos, no entanto sempre foram muito amigos.

Entre 1970 e 1977, foi várias vezes internado em hospitais. No entanto, obteve sucesso popular nas gravações e realizou muitas viagens. Em 1978, inaugurou na cidade de Viamão, a Churrascaria Gildo de Freitas, dando início aos bailões. Em 1982 gravou o seu último disco, pela Continental. Deu-se também a sua última internação em hospital e as suas últimas aparições públicas em programas de TV. Sua trova final, conhecida como “Mensagem Final”, de acordo com Marcos Silva, foi em São Borja e está no CD “Rodeio Gildo de Freitas”, lançado em 2001. Nessa interpretação, Gildo faz versos se despedindo do seu público,

Em entrevista concedida a Rádio Guaíba, Jorge de Freitas, filho de Gildo de Freitas, lembra que o pai era um contador de histórias. A vida do músico foi marcada por muitas histórias, originando letras declamadas primeira pessoa, porque “o seu conhecimento provém do que provou” (BRUM, 2019). A sua prosa era simples, de um quase analfabeto, porém um novo estilo de música nasceu. Gildo morreu em 04 de dezembro de 1983 e foi enterrado como desejava: pilchado e sem caixão. Está escrito na sua lápide: “Aqui descansa um gaúcho que honrou a tradição”.

3 CONSTRUINDO O LIVRETO: TURISMO EM FORMA DE TROVA

Assim como o poeta, a se lembrar de Fernando Pessoa, o trovador é um fingidor, que relata fatos que podem ser verídicos ou imagináveis. Precisa trabalhar com a linguagem, construir a cena e fazer esta ganhar vida. Dar a sua voz, e a sua identidade.

Para o início da composição dos versos, foram necessárias, leituras e pesquisas que promoveram um mergulho na história da colonização desde a formação com a vinda dos imigrantes, passando pelas dificuldades enfrentadas, atividades e trabalhos desenvolvidos na nova terra até a atualidade.

Paralelamente, buscou-se saber sobre o que o lugar tem a oferecer, percorrendo as rotas turísticas e gastronômicas. Colhendo o que a região tem de especial e único, e observando como essas informações, o que tem de melhor a ser apresentado ao turista de modo a agregar conhecimento e prazer. A pesquisa realizada, em relação aos atrativos turísticos, não só mostra a história, a importância regional e cultural, como também tenta mostrar lugares com peculiaridades, com curiosidades, que possam encantar pelos detalhes.

3.1 ETAPAS DO TRABALHO

Foram escolhidos, por exemplo, a Base Aérea em reconhecimento ao trabalho de proteção do espaço e defesa da Região Sul, bem como do papel do Exército brasileiro que, desde a época da Revolução Farroupilha defende o território. Depois, o foco ficou com os museus mencionados, por serem documentos que comprovam e testemunham histórias de lutas e memória. Há menção dos estudos de fósseis como preciosos achados, tornando a região central destacada na arqueologia.

Mais adiante, são salientados atrativos também relevantes, como o centro de convenções, a vila belga, praças, Teatro Treze de Maio, o calçadão e outros. E um dos eventos de fé de grande importância que é a Romaria de Nossa Senhora Medianeira. A imensa contribuição socioeducativa das Universidades, com destaque para a UFSM, como polo de ensino e referência no Cone Sul e na América Latina.

Ao mesmo tempo, também foram realizadas pesquisas sobre a literatura gaúcha, sobretudo a arte declamatória, que é marca registrada das raízes Rio-grandense. A pesquisa se estendeu a visualização de diversos vídeos, com apresentações de trovadores em eventos,

festivais e CTGs, conversas com conhecedores da cultura, com o intuito de, futuramente, musicalizar a trova feita como produto dessa dissertação.

Essa habilidade que, tendo surgido na época da Revolução Farroupilha, ganhou força nos fins da década de 50 e, desde então, abrilhanta as apresentações populares do sul do estado, representando não só como uma forma de diversão, como um veículo de comunicação e de informação atrativa. A partir disso surgiu à ideia de usá-la como meio de divulgação de Santa Maria e arredores, explicitando atrativos turísticos e descortinando aspectos tanto da história, geografia como destacando valores e sentimentos no intuito de aproximar o turista da nossa cultura e realidade.

O processo criativo utilizado gerou dois personagens fictícios com representatividade, um nativo santa-mariense e um visitante, que almeja conhecer a região, e que deseja conhecer a cultura e a história, como é o caso de muitos universitários. A trova, em construção, alterna as estrofes, com falas do nativo e do visitante, um responde ao outro, sendo apresentados elementos novos, dos pontos turísticos e de curiosidades em geral.

Os assuntos dos repentes, de modo geral, versam sobre uma celebração, um evento público, aniversário, casamento, um acontecimento inusitado ou épico, uma crítica social, ou apenas a corriqueira rinha de oponentes. Nos sorteios de temas, vemos constantemente serem elencados debates sobre coisas relevantes ou polêmicas, já com o intuito de acalorar a disputa. Nesse caso, a trova só servirá de passaporte ao conhecimento dos atrativos apresentados.

3.1.1 Construção das estrofes

O estilo de trova escolhido foi o de Gildo de Freitas, em sextilhas, por ser mais apropriado à descrição dos lugares, ou eventos a comentar. Com as anotações dos pontos turísticos em mão, ordenei dentro de uma sequência, equilibrando a geografia com os aspectos históricos, culturais e turísticos.

O início se deu, seguindo a norma vigente das trovas, onde cada estrofe carrega 9 versos, com rimas nos versos 2, 4, 6, 9, onde o 7 e 8, rimam entre si, respeitando a métrica silábica de 7 a 9 sílabas em cada um deles. Tanto nas tentativas, como na busca de dicas para confecção dos versos, foi deduzida a complexidade que é o momento da criação de rimas. Escrevi, tendo ciência que sou “amadora”, pois o declamador de improviso só tem 10 segundos para criar uma resposta, exigindo-lhe vários atributos como: um vasto glossário de rimas, domínio total do tema, uso do vocabulário regional, demonstração de segurança no tom

de voz, na expressão facial, postura, gesticulação, olhar, e tudo que for requerido para dramaticidade correta.

Em geral, os repentistas consagrados iniciaram na infância e superaram vários desafios e episódios de falhas ao vivo. Satisfazer a expectativa da plateia no assunto requer motivar a plateia desde o início, por isso é dito pelos trovadores, que a criação de versos de qualidade, depende da inspiração. Foi utilizada essa premissa na criação dos versos deste trabalho, o que ajudou a contornar as dificuldades na construção. E um ilustrativo dessa afirmação pode ser visto na estrofe dedicada a UFSM, pois muitas foram as noites sem achar conexões para compor as partes, com grande dificuldade na composição das rimas. Foi necessário tempo, muitas tentativas de exercício de repetição.

E como disse Olavo Bilac, valorizando a forma parnasiana, cujo destaque é a forma, a precisão e o esforço mental do poeta. Quem vê o produto final não tem noção da labuta do poeta, vale transcrever parte do poema **A um poeta**, de Olavo Bilac:

*“Não se mostre na fábrica
O suplício do mestre
Por que a beleza, gêmea a verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade”.*

Assim como o parnasianismo cultuava a forma, o trovador tenta esculpir da forma mais perfeita que o verso, a fim de que saia com naturalidade, e, assim, a mensagem será mais bem apreciada, aumentando seu prestígio. O pensador Toshikazu Kawaguchi escreveu uma frase que também serviu de inspiração: “em tudo o que fizer, faça sempre o melhor, busque a perfeição, mesmo sabendo que jamais a encontrará”. Esse trabalho, como seria de esperar de uma iniciante, desprovida de dom nato, foi precedido de infinitas tentativas com erros e acertos, momentos de buscas infrutíferas, ímpetos de desistência e demora em criar mensagens enquadradas na regra. Contudo, segui, entendendo que as dificuldades são como tempestades no voo, podem ser contornadas. A criação é subjetiva e cheia de significados. Este livreto se materializou, cumprindo, assim, o fim para o qual foi criado, ganhando vida e tendo novos olhares e leitores a sua frente.

3.1.2 Produto final

RESULTADO



SANTA MARIA EM TROVA	
<p>01 VISITANTE</p> <p>VENHO DE TODO LUGAR DESTE “BRASILSÃO” INTEIRO. DO SUL, DO NORTE E NORDESTE, E ATÉ DO ESTRANGEIRO. ME DIGA O QUE VOU ENCONTRAR NESTE TEU CHÃO ALTANEIRO. POIS UNS TEMPOS VOU MORAR, MAS PRECISO ME INTEIRAR DESTA CIDADE PRIMEIRO.</p>	<p>01 NATIVO</p> <p>RESPONDENDO TUA PERGUNTA VAIS OLHAR E APLAUDIR, POIS AQUI ENCONTRAS TUDO QUE TEU GOSTO EXIGIR. POVO AMIGO E HOSPITALEIRO, ISSO EU POSSO GARANTIR. NÃO É SÓ MINHA OPINIÃO, VAIS VER QUE TENHO RAZÃO, COMPROVE POR ONDE IR.</p>
<p>02 VISITANTE</p> <p>ACEITO O CONVITE, AMIGO, PRA CONHECER ESTA TERRA. QUE HOJE SÓ VEJO PAZ, MAS QUE TAMBÉM TEVE GUERRA. MOSTRE A BOCA DO MONTE E TAMBÉM AQUELA SERRA. POIS PROCURO UM LUGAR QUE, SE FOR BEM SALUTAR, A MINHA BUSCA SE ENCERRA.</p>	<p>02 NATIVO</p> <p>ENTÃO VAMOS INICIAR POR NOSSA UNIVERSIDADE: ESSA BÚSSOLA RETRATA DE RAÇAS UMA INFINIDADE, BUSCANDO CONHECIMENTO PRA OBTER CAPACIDADE. AMORETTI TEM RAZÃO: A MELHOR ORIENTAÇÃO AQUI ENCONTRAS DE VERDADE.</p>

SANTA MARIA EM TROVA	
<p>03 VISITANTE</p> <p>AO ENTRAR NA UFSM PUDE VER NO PLANETÁRIO BIG BANG DE ESTRELAS E METEORO INCENDIÁRIO. NO ANO-LUZ VI O PASSADO E O FUTURO CENÁRIO. HISTÓRIA DA ASTRONOMIA, O PORQUÊ DA NOITE E O DIA E A ORIGEM DO HORÁRIO.</p>	<p>03 NATIVO</p> <p>É O CÉU EM TEMPO REAL DO JEITO QUE SE AMBICIONA. GALÁXIAS, ESPAÇO-TEMPO, A VIA-LÁCTEA EMOCIONA. UMA TOUR PELO UNIVERSO TE LEVANDO DE CARONA. NÃO TEMAS A ATERRISSAGEM, QUE É SEGURA TUA VIAGEM POIS NÃO SAIS DA TUA POLTRONA.</p>
<p>04 VISITANTE</p> <p>NO NOSSO JARDIM BOTÂNICO SUSTENTAÇÃO É A META. UMA ÁREA DE PESQUISAS DE ESPÉCIES BEM COMPLETA. O CUIDADO COM O BIOMA NOSSA VIDA TODA AFETA. LÁ VISAM O ECOSSISTEMA, CONSCIENTIZAÇÃO É LEMA PRA PRESERVAÇÃO CORRETA.</p>	<p>04 NATIVO</p> <p>QUEM GUARDA AS PLAGAS DAQUI COM BRAÇO FORTE OU FUZIL É O SEGUNDO CONTINGENTE MILITAR DO MEU BRASIL. ESPÍRITO FARROUPILHA DEFENDE ESTE CÉU ANIL. NO CASO DE UMA INVASÃO NOSSA FORÇA ENTRA EM AÇÃO E CADA HOMEM VALE MIL.</p>

SANTA MARIA EM TROVA	
<p>05 VISITANTE</p> <p>EU GOSTEI DE DE SABER DISSO, CONTE MAIS QUE ESTOU OUVINDO. JÁ PASSEI NA BASE AÉREA, E VI OS CAÇAS ZUNINDO. SÃO AS ASAS... CÁ DOS PAMPAS QUE NOS PROTEGEM, SORRINDO. E O EXÉRCITO TAMBÉM, ME PARECEU BEM ALÉM DO QUE EU TAVA ADMITINDO.</p>	<p>05 NATIVO</p> <p>NO G'AMA D'EÇA E PALLOTTI VEMOS HISTÓRIA E CIÊNCIA. HÁ OS DINOS MAIS ANTIGOS QUE PISARAM NA QUERÊNCIA. MOSTRA O INÍCIO DA CIDADE QUE, COM LUTA E PACIÊNCIA, "CAIXEIROS" E FERROVIA INICIARAM FREGUESIA QUE SE ERGUEU COM IMPONÊNCIA.</p>
<p>06 VISITANTE</p> <p>SUBI RIO BRANCO À ESQUERDA, VILA BELGA EU PISEI. A SEGUIR PRAÇA SALDANHA, AMBAS MUITO ADMIREI. TEATRO TREZE DE MAIO QUE JÁ FOI FÓRUM DA LEI. APÓS "BURACO DO BEHR", FUI AO MEMORIAL MALLET E SÓ BRAVURAS ACHEI.</p>	<p>06 NATIVO</p> <p>PRA LOUVAR SANTA MARIA TÔ PRONTO EM TODO MOMENTO, EU ANDE POR ONDE FOR, TE TRAGO NO PENSAMENTO. CADA ANO QUE SE PASSA AUMENTA TEU CRESCIMENTO. MAIS E MAIS SE APRIMORA, POR DENTRO E TAMBÉM POR FORA, DEU CERTO O "ACAMPAMENTO".</p>

SANTA MARIA EM TROVA	
<p>07 VISITANTE</p> <p>GOSTEI MUITO DE UM CONCERTO NO CENTRO DE CONVENÇÕES. SHOWS GAÚCHOS, CTGS, HONRANDO AS TRADIÇÕES, ANIMAIS DE FINO TRATO NO PARQUE DE EXPOSIÇÕES. E O “CALÇADÃO” ME INTEGROU, POIS AGORA SEMPRE VOU NESSE “POINT” DE OPÇÕES.</p>	<p>07 NATIVO</p> <p>OS ENCANTOS DA CIDADE, HISTÓRICOS E ATUAIS, BUSQUE USANDO A INTERNET, OU ENTÃO: REDES SOCIAIS. TE DOU ESTA DICAZINHA: TEM RECREIO ATÉ DEMAIS. SEM GASTAR VULTOSAS GRANAS, TEM AS DIVERSÕES PROFANAS, E ATÉ CELESTIAIS.</p>
<p>08 VISITANTE</p> <p>ARISTILDA FOI FELIZ QUANDO COMPÔS NO TEU HINO: “TU ÉS A VIDA A BROTAR” NO TRABALHO E NO ENSINO. NA DEVOÇÃO E LAZER, POVO QUE NÃO PERDE O TINO. GENTE DE BRAVO COMBATE, COM TORMENTAS NÃO SE ABATE, TEU VIGOR É GENUÍNO.</p>	<p>08 NATIVO</p> <p>POR FALAR EM DEVOÇÃO, HÁ UMA OBRA NOBRE E BELA CONSTRUÍDA AQUI POR NÓS, MAS NOSSA SENHORA É QUE VELA. SCHOENSTATT É UMA LUTA ÁRDUA, INSPIRADA NO AMOR DELA. O BRASIL TODO QUERIA, MAS COUBE A SANTA MARIA TER A PRIMEIRA CAPELA.</p>

SANTA MARIA EM TROVA	
<p>09 VISITANTE</p> <p>NOSSA SENHORA PROTEGE ESTE LOCAL QUE SE AGITA, QUANDO ARRASTA MULTIDÕES COM FÉ E ORAÇÃO BENDITA. ESSE SENTIMENTO PURO QUE NOS CORAÇÕES HABITA. A VERDADE AQUI SE EXPRESSA: É DE CIDADES COMO ESSA QUE O MUNDO NECESSITA!</p>	<p>09 NATIVO</p> <p>UMA GRANDE ROMARIA A BASÍLICA RECEBE. DO BRASIL E DO EXTERIOR, UMA MULTIDÃO QUE EXCEDE! NA BUSCA DE PROTEÇÃO, PRA SANTA ESSE POVO PEDE UMA INTERCESSÃO PRA DEUS. E, OUVINDO OS FILHOS SEUS, A MEDIANEIRA CONCEDE.</p>
<p>10 VISITANTE</p> <p>É BEM TÍPICO DAQUI O CHAMADO “VENTO NORTE”. DESCE DAS ALTAS COXILHAS QUANDO O INVERNO É MAIS FORTE. COM ELE VEM UM CALOR; FAZ COM QUE O FRIO SE COMPORTE. SÃO TRÊS DIAS DE VERÃO. MUITOS GOSTAM; OUTROS NÃO. E HÁ QUEM DIGA QUE TRAZ SORTE!</p>	<p>10 NATIVO</p> <p>SE TU QUERES DESCOBRIR SE SÓ NA TERRA TEM VIDA. JÁ QUE OUVIU MUITA HISTÓRIA DE PESSOA ABDUZIDA, VÁ PRO LADO DE ITAARA QUE VAIS TER BOA ACOLHIDA. MUSEU DE UFOS TE ESPERA. É UMA AFIRMAÇÃO SINCERA, VALE A PENA A CORRIDA.</p>

SANTA MARIA EM TROVA	
<p>11 VISITANTE</p> <p>E... O PRIMEIRO MUSEU DA AMÉRICA LATINA.</p> <p>O ASTRONAUTA BRASILEIRO INAUGUROU! TU IMAGINAS...</p> <p>LÁ TEM DISCO VOADOR, HÁ UM GUIA QUE TE ENSINA.</p> <p>TEM ET'S... E AS RESPOSTAS DE PERGUNTAS OU APOSTAS.</p> <p>SEGURE TUA ADRENALINA!</p>	<p>11 NATIVO</p> <p>CRAVADO EM MATA NATIVA, UM PARREIRAL SE DESTACA:</p> <p>“ADEGA DO VELHO AMÂNCIO”.</p> <p>NEM PRECISA SEGUIR PLACA.</p> <p>VAIS QUERER COMPRAR BASTANTE.</p> <p>PREPARE TUA GUAIIACA.</p> <p>POIS É MUITO VINHO FINO, COLONIAL E CRISTALINO.</p> <p>E O MELHOR: NÃO DÁ RESSACA!</p>
<p>12 VISITANTE</p> <p>IMPERDÍVEIS AS PISCINAS TERMAIS DA QUARTA COLÔNIA.</p> <p>CURE TODO O TEU ESTRESSE OU TAMBÉM A TUA INSÔNIA.</p> <p>QUANDO O MUNDO SE VOLTA EM PRESERVAR A AMAZÔNIA,</p> <p>O GEOPARQUE É O ESPELHO, E É ELE QUE EU ACONSELHO</p> <p>PRA LAZER OU CERIMÔNIA.</p>	<p>12 NATIVO</p> <p>LÁ NO RECANTO MAESTRO O “QUENTE” É TERMAS ROMANAS.</p> <p>UM RESORT CULTURAL ENTRE AS MONTANHAS SERRANAS.</p> <p>IMERSO NO ACONCHEGO DAS TRADIÇÕES ITALIANAS.</p> <p>TU PENSAS PASSAR UM DIA, MAS SÓ A GASTRONOMIA</p> <p>TE FAZ FICAR POR SEMANAS</p>

SANTA MARIA EM TROVA	
<p>13 VISITANTE</p> <p>A FERRAMENTA DA TROVA QUE É ARTE BEM NATIVA, FOI AQUI MUITO EMPREGADA POR SER BEM INTERATIVA. ESPERO QUE HAJA SUCESSO NESSA NOBRE TENTATIVA DE DIVULGAR PORMENORES, E TAMBÉM OS ARREDORES, DESTE LUGAR QUE CATIVA.</p>	<p>13 NATIVO</p> <p>PARA MOSTRAR A REGIÃO A TROVA FOI GRANDE ACHADO. EMOCIONA, INFORMA, CHAMA, CANTANDO EM VERSO RIMADO. APRESENTANDO AO TURISTA ESTE “CORÇÃO” DO ESTADO. O CONVITE VOU DEIXANDO, COMPROVE PARTICIPANDO DE TUDO O QUE FOI FALADO.</p>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de escrever esse trabalho, conhecer o universo da trova, propor ao criar uma trova, a promoção de uma região, demonstra a capacidade criativa para compreender e propor algo que, para muitas pessoas, era considerado impossível ou improvável.

Ao abordar sobre a trova gaúcha, compreender que ela retrata a cultura do povo que habita o território do estado mais meridional do Brasil, fez perceber as possibilidades e limitações para desenvolver a pesquisa.

O Rio Grande do Sul e sua formação territorial, formado a partir de disputas militar de guerras e de arranjos diplomáticos, originou esta manifestação cultural que a partir da criatividade e do improviso nos seus versos, o passado glorioso, as lutas de homens que enfrentaram seus inimigos, as forças da natureza. Por outro lado, a trova demonstra valores como lealdade, honra e enaltece as belezas da terra. A trova ganhou, então, a temática local, apresentando de certa forma características e peculiaridades particulares de cada local citado, trazendo ao público o conhecimento da cultura.

A trova é composta de dois ou mais trovadores, que criam versos de improviso acompanhados de gaita e/ou violão, onde o trovador elabora suas poesias no cerne do movimento regionalista e nativista gaúcho, apropriando-se de uma filosofia campeira, onde as tradições do Rio Grande do Sul são cantadas em estrofes, com rima e ritmo e, por vezes, em resposta a uma provocação. Também fez parte da história do rádio e dos concursos de auditório, cujas apresentações e improvisações duravam horas, respondendo às estrofes do parceiro e a pedidos dos ouvintes.

No entanto, a trova não é um movimento recente, vem desde a Antiguidade, a arte do improviso existe desde os tempos bíblicos, onde o rei Davi e Salomão foram grandes improvisadores, passando por Homero, na Grécia, passando pela Idade Média, onde reinos e impérios, tiveram manifestações relacionados a versos, como crítica, ironia, lendas e relatos épicos de fatos ocorridos no período.

A trova como conhecemos, modernizou-se com a passagem dos séculos. E, o melhor, manteve-se, tanto na Europa como também na América no período da colonização. Percebe-se que toda essa herança cultural reflete até hoje nas manifestações musicais existentes na Europa, no caso dos diversos festivais de tunas, e no Brasil com os festivais nacionais de trova. Independente da origem, o legado medieval foi sendo adaptado, temos essa adaptação

nas tunas, onde ocorre uma série de eventos em Universidades latino-americanas, respeitando o rito com roupas e instrumentos medievais.

Como podemos constatar ao longo deste trabalho, a tentativa de demonstrar o caráter criador e o dom do improviso dos trovadores gaúchos, comprovam que a oralidade é marca permanente dos povos que valorizam e cultivam a memória de sua cultura, expondo suas identidades, visões de mundo, crenças e valores de uma coletividade.

Valorizar essa expressão da construção humana que é a cultura, produzida através da oralidade, da troca de saberes, da interação social, vai aos poucos criando símbolos e significados próprios que identificam um povo ou uma região, formando sua própria identidade cultural. Sem esquecer o valor de conhecer como se deu a construção da sua própria cultura, e como foi seu processo evolutivo, para só depois entender outras culturas. A partir desse conhecimento, entende-se a importância de manter viva, proteger e valorizar sua cultura, e perceber que isso também é um meio de preservar o que somos. Por isso a ideia do uso da trova como meio de promover a nossa própria cultura.

Esse trabalho pode-se considerar como um objeto de estudo de difícil pesquisa, ao mesmo tempo, com um ineditismo na proposta e um grande desafio, o qual poderá gerar novas pesquisas sobre o tema. A partir da percepção dos usos da trova como manifestação cultural pode-se temer a sua invisibilidade como um elemento de promoção, no caso turístico e de inserção na cultura do território.

Para finalizar, a citação de Jorge Amado expressa essa percepção sobre o poder da trova e de seus versos, “não pode haver criação literária mais popular, que fale mais diretamente ao coração do povo, do que a trova. É através dela que o povo toma contato com a poesia e sente sua força. Por isso mesmo, a trova e o trovador são imortais”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALCOFORADO, D. Literatura Oral e Popular. Paraná: **Revista Boitatá**, 1999.

ALGERI, N. M.; SIBIN, E. A. **A poesia trovadoresca e suas relações com a literatura de cordel e a música contemporânea**. Acesso em 15 jul. 2021.

ALMEIDA, J. et al. (Org.). **Turismo Rural e desenvolvimento sustentável**. Santa Maria, 1998.

ALMEIDA, L. G. B. **Retratos & Memórias**. Santa Maria: Pallotti, 2007. 92p. 1979, 2 v. (Dissertação de mestrado, Departamento de Ciências Sociais, FFLCH, USP).

ALVES, J. D. V. O improviso no Rio Grande do Sul (Payada e Trova: Raízes, Troncos e Ramagens). **Trabalho de Conclusão de Curso**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A. Revisão bibliográfica em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-44

ANDRADE, M. **O baile das quatro artes**. 3ª ed. Brasília: INL/MEC; São Paulo: Martins, 1975.

ANTUNES, L. P. **La Pampa Gaúcha**. Blogspot, 2010. Disponível em: < <https://lapampagaucha.blogspot.com/2010/09/payada.html> > Acesso em: 10 ago. 2021.

ASENCIO GONZÁLEZ, R. **Estudianterías Cordobesas: Compilación de la lírica escolar y de la história de nuestras Tunas y Estudiantinas desde su origen al año 1986**. Córdoba: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba, 2007.

BALLART, J. **El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso**. Barcelona: Ariel, 1997.

BANDUCCI JR. A., BARRETTO, M. **Turismo e Identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papiros, 2003.

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. 4. ed. Campinas: Papiros, 2003.

BARROS, J. D. **Poesia e poder – O trovadorismo ibérico no século XIII e a poesia satírica** Volume 3 – Número 1/2 – Ano III – dez/2010.

BASQUES JR., M. M. **As verdades da mentira**. Ensaio etnográfico com folhetos de cordel. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de São Carlos, 2012.

BEBER, C. C. **Santa Maria 200 anos: história da economia do município.** Santa Maria: Palotti, 1998. 316p.

BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria 1797-1933.** 3 ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000. 309p.

BELTRÃO, R. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho.** 1787-1930. 3. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. 776p.

BENADUCE, G. **Uma cidade com cultura. Santa Maria.** 18 jun. 2012. Disponível em: <<http://blogscomunicacao.blogspot.com.br/2012/06/santa-maria-e-uma-cidade-divulgada-com.html?view=flipcard>>. Acesso em: 09 set. 2020.

BENITEZ, M. L. **Dos Trovadores Gaúchos. Rádio Guaíba.** 2018. Disponível em: <<https://guaiba.com.br/2018/12/03/dos-trovadores-gauchos/>> Acesso em: 03 ago. 2021.

_____. **O Centenário de Gildo de Freitas.** Rádio Guaíba, 2018. Disponível em: <<https://guaiba.com.br/2019/07/04/o-centenario-de-gildo-de-freitas/>> Acesso em: 03 ago. 2021.

BERGSON, H. **Matéria e memória** – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEZERRA DE MENEZES, E. D. Para uma leitura sociológica da literatura de cordel. **Revista de Ciências Sociais** (Fortaleza), v. 8, n. 1-2, 1977, p. 7-87.

BITTENCOURT, L. **Literatura Épica e História.** Acesso em 10 de agosto de 2021.

BOSI, E. **Memória & Sociedade: lembrança de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484p.

BOTELHO, I. **Dimensões da Cultura e Políticas Públicas.** São Paulo em Perspectiva, 2001 p. 73-83.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. 292p.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem.** Petrópolis: Vozes, 2017.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos** – Conflitos multiculturais da globalização. Trad. Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro. Ed. Uerj, 2006.

_____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. **Narrar o multiculturalismo.** In: _____Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 4.^a ed., 2001, p. 143 a 160.

CANDAU, J. **Antropologia de la memória**. Trad. Paula Mahler. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

_____. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. V. 1. São Paulo: Martins, 1961.

CANELLAS, M. **Santa Maria, cidade criativa - a superação pela cultura**. Diário de Santa Maria. Caderno MIX. Santa Maria, p.6., 15 e 16 de jun.

CALABRE, L. Gestão cultural: análises e perspectivas das propostas da I Conferência Nacional de Cultura. In: Calabre, L. (Org.). **Políticas culturais: um campo de estudos**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2008, p. 117-136.

CARBONI, F.; MAESTRI, M. (Orgs). **Raízes italianas do RS**. Passo Fundo: UPF, 2000.

CARNEIRO, E.; OLIVEIRA, S.; CARVALHO, K. Turismo cultural e sustentabilidade: uma relação possível? **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**. 1º. Semestre de 2010, v. 4, n. 1.

CASA DA QUARTA COLÔNIA. **Tripadvisor**, 2021. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g4137400-d5698190-Reviews-Casa_Da_Quarta_Colonia> Acesso em: 04 jun. 2021.

CASCUDO, C. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.

CASTELO BRANCO, S. **El Shawan** –Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX. Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2010.

CAVIGNAC, J. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral**. Natal: Ed. da UFRN, 2006.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001. 282p.

COELHO, E.; SILVA; JEAN-PIERRE; TAVARES, R., SOUSA, J. P.- **"QVID TUNAE? A Tuna Estudantil em Portugal"**, Portugal: Porto, 2011.

CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE SANTA MARIA. Santa Maria, Cidade Cultura. Santa Maria: Pallotti, 2003. 136p.

CORA, M. A. **Do material ao Imaterial: patrimônios culturais do Brasil**. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2011.

CORBUSIER, L. **Princípios de Urbanismo** (La Carta de Atenas). Barcelona: Planeta de Agostini, 1993. 151p.

COSTA, F. R. **Turismo e patrimônio cultural**: interpretações e qualificação. São Paulo: Editora Senac, 2009.

CUNHA, M. C. (Org.). Patrimônio imaterial e biodiversidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 32. Brasília-DF, 2005.

CURRAN, M. J. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

_____. **Retrato do Brasil em cordel**. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

DAMASCENO, A. A. P. **A literatura e a oralidade entre poetas da Literatura de cordel e pajadores**. Santa Maria 15 de abril de 2015.

DIÁRIO DE SANTA MARIA. **Caderno Mix**. Santa Maria, 23 e 24 julho de 2011.

DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

DIÉGUES JÚNIOR, M. Características dos ciclos temáticos. In: **Literatura popular em verso**: estudos. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I, p. 224-329.

DURHAM, E. R. Movimentos sociais: A construção da cidadania. São Paulo: **Novos Estudos CEBRAP**, 1984 p. 24-31.

ECO, H. **Como se faz uma tese**. 23 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. 174p.

FERREIRA, J. P. Um gosto de disputa, um combate imaginário. In: _____. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. Cotia: Ateliê Editorial, 2012, p. 145-174.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE TUNAS DA FAN-FARRA ACADÉMICA DE COIMBRA. **Tunas.es**, 2016. Disponível em: <<http://www.tunas.es/trovador-coimbra.asp> > Acesso em: 05 ago. 2021.

FINGER, A. E. **Vilas Ferroviárias no Brasil**. Os casos de Paraná Piaçaba em São Paulo e da Vila Belga no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Universidade de Brasília. Distrito Federal. Brasil. 27 de novembro de 2009.

FONSECA, J. **Gildo de Freitas, o rei dos trovadores**. 28 de maio de 2020. Disponível em: <<https://revistasepe.art.br/2020/05/28/gildo-de-freitas-o-rei-dos-trovadores-juarez-fonseca/> > Acesso em: 10 ago. 2021.

FORTUNA, C.; LEITE, R. P. (Orgs.). **Plural de Cidade**: Novos Léxicos Urbanos. Coimbra, PT: Edições Almedina AS, 2009. 340 p.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Literatura popular em verso**: antologia. Tomo I. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1986.

GASTAL, S.; CASTROGIOVANNI, A. C. (Orgs.). **Turismo na pós-modernidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GAUCHA ZH. **TROVA GAÚCHA**. 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2019/09/com-ritmo-rima-e-criatividades-trovadores-cantam-a-cultura-gaucha-em-caxias-11381067.html>> Acesso em: 21 jul. 2021.

_____. **Vale central do estado investe no plantio de uvas e na produção de vinhos, espumantes e sucos de uvas**. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2017/06/vale-central-do-estado-investe-no-plantio-de-uvas-e-na-producao-de-vinhos-espumantes-e-sucos-de-uvas-9806628.html>> Acesso em: 06 de jun. 2021.

GEOPARQUE. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/geoparque-quarta-colonia>> Acesso em: 20 out. 2021.

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda**. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

GOODNEY, B. **Turismo Cultural**: Novos viajantes, novas descobertas. IN: MURTA, Stela Maris. ALBANO, Celina. (Orgs). Interpretar o Patrimônio: Um exercício do olhar. Belo Horizonte: Território Brasilis, 2002. p. 131-138.

GUARNIERI, W. R. Museu, Museologia, museólogos e formação. **Revista de Museologia**, 1. São Paulo, 2º sem. 1989. p. 7-11.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2014.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura. Acesso em 10 set. 2019.

_____. **Instrumentos de Salvaguarda**. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/418>> Acesso em: 10 set. 2019.

ISAIAS, A. **Passeio entre os casarões dos imigrantes italianos em Arroio Grande e Val de Buia**. Santa Maria, RS, 1998.

_____. Os sonhos de emancipação e as frustrações, na história de Silveira Martins (III). **A Razão**, Santa Maria, 22 abr. 1987.

ISAIA, L.G. **UFSM Memórias**. Santa Maria, 2006. 339p.

JACOBS, J. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.510p.

KLIPPEL, E. H. **O gaúcho e o forasteiro**: relações de oposição na construção da identidade sul-rio-grandense. Acesso em 15 ago. 2021.

KÖHLER, A. F.; DURAND, J. C. G. Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências. In: **Revista Turismo-Visão e Ação** (Itajaí), v. 9, p. 185-198, 2007.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 11º ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

LINHARES, T. **A história da Literatura de Cordel**. Disponível em:
<<http://www.camarabrasileira.com/cordel101.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

LONDRES, M. J. F. **Cordel, do encantamento às histórias de luta**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

LOPES, C. E. J. A. Vila Belga. **Anais do seminário**: Território, patrimônio e memória. Santa Maria, 2001, p. 122-147.

LOPES, G. V. **A sátira nos Cancioneiros medievais galegoportugueses**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

_____. Os ciclos satíricos nos Cancioneiros Peninsulares. In: Ondas do Mar de Vigo. **Actas do Simposio Internacional sobre a Lírica Medieval Galego-Portuguesa**. Coord. Por Derek W. Flitter e Patricia Odber de Baubeta. Birmingham: 1998. p. 139-146.

LOPES NETO, J. S. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. 2 ed, Porto Alegre: Globo, 1961. 224p.

LUCAS, S. M. M. **Preservar o Passado é Construir o Futuro**. Disponível em:
<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/06/preservaropassado.pdf>. Acesso em 08 nov.2021

MARANHÃO, L. **Classificação Popular da Literatura de Cordel**. 2 ed. Recife: CEPE, 2013.

MARCHIORI, J. N. C.; MACHADO, P. F. S.; NOAL FILHO, A. (Orgs). **Do céu de Santa Maria**. Santa Maria: Prefeitura Municipal de Santa Maria, 2008. 252p.

MARCHIORI, J. N. C.; NOAL FILHO, A. (Orgs). A paisagem de Santa Maria na perspectiva de antigos viajantes. **Revista Ciência e Ambiente**. n. 38. Santa Maria, jan. /jun. 2009.

_____. **Santa Maria**: relatos e impressões de viagem. 2 ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008. 300p.

MARQUES, R. F. D. **Tunas em Portugal**: um estudo sobre a tuna Souselense. Portugal: Universidade de Aveiro, 2019.

MARTÍNEZ DEL RIO, R. **Dicionário histórico de términos estudiantiles y universitarios**. 2012.

_____. **Estudiantinas Y Tunas siglos XIX XX**. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 1.ª Edición, 2004.

MARTÍNEZ DEL RIO, R.; ASECIO, R. [et al.]. **Tradiciones en la antigua Universidad: Estudiantes, matraquistas y tunos**. Alicante: Ediciones Universidad de Alicante, 2004.

MAZZORANI, B. M. et al. **Plano Municipal de Saúde 2004-2006**. Santa Maria, RS. Agosto 2004.

MELO, R. A. Literatura de cordel: conceitos, intelectuais, arquivos. **Projeto História**, São Paulo, v. 65, pp. 66-99, mai. - Ago. 2019.

MELLO, L. F. S. O pensamento utópico e a produção do espaço social: a Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. 2010. **Tese de Doutorado**. Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

MENDONÇA, A. P. (Org). **Da Bella Époque a Literatura de Cordel**. Manaus: Manaós, 2015.

MENENDEZ PIDAL, J. R. **Poesía juglaresca y orígenes de las literaturas románicas**. 6. ed. corregida y aumentada. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1957.

MENESES, U. T. B. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 72, p. 225-244, abr. 2019.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo Cultural: orientações básicas**. 2 ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

MOURA, C. E. S. Cri cri do grilo gaudério: resgate dos elementos do tradicionalismo do Rio Grande do Sul através da narrativa da História. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

MUSEU DE UFOLOGIA DE ITAARA. **Museufo.org**. Disponível em: <<https://www.museufo.org.br/html/ufologia.htm> > Acesso em: 09 jun. 2020.

NASCIMENTO, J. A. S. **Estudantes de Coimbra em Orquestra: Tuna Académica da Universidade de Coimbra (1888 1913) e Associação dos Antigos Tunos da Universidade de Coimbra (1985 2010)**. Coimbra: Bubok Publishing S.L., 2010.

NORA, P. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, São Paulo PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, A. R. **Depois do espetáculo trovadoresco: a estrutura dos cancioneros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV**. Lisboa: Colibri, 1994.

_____. **O trovador galego-português e o seu mundo**. Lisboa: Notícias, 2001.

ORNELAS, G. V. B.; PEREIRA, D. B. Patrimônio Cultural Imaterial: contradições e reflexões no âmbito da cultura popular. **Fórum Patrimônio: Ambiente construído e patrimônio sustentável**. [sd].

OURIQUE, J. L. P. **A poesia regionalista gaúcha como elemento de valorização do autoritarismo e da violência na Região do Prata**. Tese de Doutorado. UFSM: 2007.

OUVERNEY, J. **A Trova: Origem, Trajetória, Rumos**. Falando de Trova, 2021. Disponível em: <<http://falandodetrova.com.br/atrovaorigem>> Acesso em: 05 jun. 2020.

PAIM, E. A.; GUIMARÃES; M. F. (Orgs). **Entrecruzando Saberes: Histórias, Memórias e Identidades**. São Paulo: Paco, 2020.

PÉREZ, X. P. **Turismo cultural: uma visão antropológica**. Espanha: Colección Pasos Edita, 2009.

PESAVENTO, S. **O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1999. 393p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SILVEIRA MARTINS. **Dados do Município**. Disponível em: <<https://silveiramartins.rs.gov.br/>> Acesso em: 02 ago. 2021.

PICCIN, E. **O Código Cultural Religião Como Uma das Manifestações da Identidade Cultural da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS**. 2009. 148f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

PILIAKAS JÚNIOR, A. M. **Trova e suas relações com o chiste**. Dissertação de Mestrado: UFRGS, 2004. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br> Acesso em: 03 ago. 2021.

PELLANDA, E. **Aspectos Gerais da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1950.

PEREIRA, José Luiz Pena. **A Trova Popular ou Quadrinha**. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-trova-popular-ou-quadrinha/53255/>> Acesso em: 19 ago. 2021.

PIPI, E M. S. **Construção da Cruz Luminosa**. Ivorá: 07 set. 2016. Entrevista concedida a Elisangela Stefanello Pippi.

POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NO BRASIL. Redalyc.org/ Journal, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5139/513962714008/html/>> Acesso em: 21 ago. 2021.

POLLAK, M. Memórias, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTA, P. **Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil: diretrizes, linhas de ação e resultados.** Brasília: IPHAN/ Monumenta, 2012. 344p.

PORTAL DAS MISSÕES. **A arte pajadoril, o pajador por João Antunes.** 2019. Disponível em: <<https://www.portaldasmissoes.com.br/noticias/view/id/2176/a-arte-pajadoril,-o-pajador-por-joao-antunes.html>> Acesso em: 18 ago. 2021.

PORTAL DE TUNAS Y ESTUDIANTINAS DEL MUNDO. **Tunas.es,** 2021. Disponível em: <<http://www.tunas.es/tunas/otros-paises-mundo/>> Acesso em: 01 ago. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHAL GRANDE. **Pontos Turísticos e Patrimônio Histórico-Cultural.** Disponível em: <https://www.pinhhalgrande.rs.gov.br/turismo/pontos-turisticos-e-patrimonio-historico-cultural>> Acesso em: 04 jul. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PALMA. **Pontos Turísticos e Patrimônio Histórico-Cultural.** novapalma.rs.gov, 2019. Disponível em: <<http://www.novapalma.rs.gov.br/o-municipio/turismo/pontos-turisticos-e-patrimonio-historico-cultural>> Acesso em: 04 jul. 2021.

PROENÇA, I. C. **A ideologia do cordel.** Rio de Janeiro: Brasília,1977.

QUEIROZ, H. F. O. G. O Patrimônio Cultural Imaterial e a força normativa da Convenção para (da) Humanidade. **Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural,** Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 14-37, jul-dez 2020. Semestral.

RAMÓN RICART, Andreu. **Estudiantinas chilenas. Origen, desarrollo y vigencia (1884 1955).** Santiago de Chile: Ed. Fondart, 1995.

RECHIA, A. **Santa Maria: Panorama Histórico-Cultural.** Santa Maria: ASL, 1999. 312p.

RENDÓN MARIN, H. **De liras a cuerdas.** Una história social de la música através de las estudiantinas, 1940 1980.Medellín: Universidad Nacional de Colômbia, 2009.

RIBEIRO, J.I; WEBER, B.T. (Orgs). **Nova Santa Maria: outras contribuições recentes.** Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. 408p.

ROCHA, R. S. A Vila Belga e o Traité d'Architecture de Louis Cloquet. **Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis.** v. 3, p. 191-199, Porto Alegre: Uniritter, 2001.

_____. O conjunto operário da Vila Belga em Santa Maria RS. In: **Anais. VI COLÓQUIO LATINO-AMERICANO SOBRE RECUPERAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL,** São Paulo, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t6_conjunto_operario.pdf. Acesso em: 03 ago. 2021.

ROMANO, L. **Edifícios de Mercado Gaúchos: Uma Arquitetura dos Sentidos.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

RONCOLATO, M. et al. Os versos e traços da literatura de cordel. **Nexo**. São Paulo, 3 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/especial/2017/05/03>>.

RYCHNER, J. **La Chanson de Geste**: Essai sur l'art épique des jongleurs. Genève: Droz, 1955, p. 9.

SAAD, D. S. **Quarta colônia de imigração italiana, patrimônio cultural e turismo no Planalto Central do RS**. Tese. Santa Maria/RS.

SANTOS, I. M. F. **Memórias das Vozes**: Cantorias, romanceiros e Cordel. Salvador: Secretaria da Cultura e turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SANTOS, M. F. A Literatura de Cordel. **Revista de estudos Iberoamericanos**. 2005. Santa Catarina: Florianópolis. Acesso: 27 set. 2019.

SANTOS, T. J. P.; SANTOS, G. M. C. (Orgs). **Santa Maria**: vivências e memórias de Edmundo Cardoso. Santa Maria: Ana Terra, 2008.120p

SARDINHA, A. J. **Tunas do Marão**. Vila Verde: Sons da Tradição 3, 2005. .

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Disponível em: <<https://www.mercosur.int/pt-br/quem-somos/em-poucas-palavras/>> acesso em: 02 ago. 2021.

SAUTCHUK, J. M. M. A poética cantada: investigação das habilidades do repentista nordestino. **Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea**, da Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília jun-2010.

SCLEE, A. **Processo de tombamento da Vila Belga**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Belga> Acesso em: 06 jul. 2021.

SERRA, G. G. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**: guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação. São Paulo: Mandarim, 2006. 257p.

SILBERBERG, T. Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. **Tourism management**, v. 16, n. 5, p. 361-365, aug. 1995.

SILVA, A. P. **Turismo e desenvolvimento territorial na Quarta Colônia, RS**. 2014. 170f. Tese de Doutorado. UFSM, Santa Maria, RS, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3817/SILVA%2C%20ADRIANA%20PISONI%20DA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 25 jun. 2021.

SILVA, F. I.; SOUZA, E. D. Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel. **Inf. & Soc.**: Est. v. 16, n. 1, p. 215-222, jan. /jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/455/1506>>. Acesso em: 26 set. 2020.

SOARES, A. L. R. (Org.). **Educação patrimonial**: relatos e experiências. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

STEFANELLO, L. Z. **História, memória e patrimônio:** fundamentos e sensibilizações da comunidade de Nova Palma (Centro de Pesquisas Genealógicas e Museu Histórico). 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

TALAVERA, A. S. **¿Nuevas Hordas, Viejas Culturas? La Antropología y el Turismo.** Barcelona: Ariel, 1997.

Termas Romanas, Disponível em: <<https://termasromanas.com.br/>> Acesso em: 06 jun. 2021.

TERRA, R. B. L. **Memória de lutas:** literatura de folhetos do Nordeste (1893—1930). São Paulo: Global, 1983.

TOMAZ, P. C. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. In: **Revista de História e Estudos Culturais.** Disponível em:

<http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_8_PAULO_CESAR_TOMAZ_FENIX_M AIO_AGOSTO_2010.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

TORRES, A. P. **Antologia da Poesia Portuguesa.** Porto Lelo e Irmão, 1977. v. 1.

URRY, J. **O olhar do turista.** São Paulo: SENAC, 1996.

VARGAS, H. C; CASTILHO, A. L. H. (Orgs). **Intervenções em Centros Urbanos:** objetivos, estratégias e resultados. 2 ed. Barueri, SP: Manole, 2009. 289p.

VASQUES, J. **Quem foram os Trovadores?** Musicalidades, 2019. Disponível em: <<https://musicalidades.com.br/quem-foram-os-trovadores-poesia-cantiga-e-musica-medieval/>> Acesso em: 06 jun. 2021.

VENDRÚSCULO, R. **Somos da Quarta Colônia:** os sentidos de uma identidade territorial em construção. Dissertação, (Mestrado Extensão rural), UFSM, 2009.

WEBER, Lucinéia Inês. **Memórias de um clube social negro:** Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio. Trabalho de conclusão de curso. UFSM, 2011.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura:** usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ZIMMERMANN, A. (Ed) **Turismo Rural:** um modelo brasileiro. Florianópolis: 1996.

ZILBERMAN, R. **A literatura no Rio Grande do Sul.** 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. **Cordel, trova, pajada e outros versos.** Jornal Extra Classe. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opiniaio/2005/12/cordel-trova-pajada-e-outros-versos/> Acesso em 10 jun. 2021.

_____. **Literatura Gaúcha:** Temas e figuras da ficção e da prosa do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1985.

ZINK, M. **Introduction à la littérature française du Moyen Âge.** Paris: Livre de Poche, 1993.

APÊNDICE

APÊNDICE A – LIVRETO - SANTA MARIA EM TROVA – PRODUTO FINAL DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado EM Patrimônio Cultural DA UFSM.



VERSO DA CAPA DO LIVRETO



O livro conta em trova (em estilo Gildo de Freitas), um pouco dos atrativos turísticos de Santa Maria e região.



Designer editorial: Gabriel coser